



CERRADO

HOTSPOT DE BIODIVERSIDADE

CRITICAL ECOSYSTEM
PARTNERSHIP FUND

 **IEB**
INSTITUTO INTERNACIONAL
DE EDUCAÇÃO DO BRASIL

Esta publicação foi elaborada pela Equipe de Implementação Regional do CEPF Cerrado e pela Agência Fato Relevante:

Michael Becker:	Coordenador, CEPF Cerrado/IEB
Cláudia Sachetto Nascimento:	Gerente de Subsídios, CEPF Cerrado/IEB
Aryanne Gonçalves Amaral:	Assistente de Projetos, CEPF Cerrado/IEB
Michael Jackson de Oliveira:	Assistente de Projetos, CEPF Cerrado/IEB
Bruno Blecher:	Jornalista, Agência Fato Relevante
Bruno Moraes:	Coordenador, Agência Fato Relevante

O Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) atua como a Equipe de Implementação Regional do CEPF no *hotspot* de biodiversidade do Cerrado.

Com apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos - CEPF

Peggy Poncelet:	Diretora de Subvenções
Priscila Oliveira:	Gerente de Subvenções
Deborah Miller:	Gerente de Subvenções

Projeto Gráfico:	Juliana Cora
Editoração:	Agência Fato Relevante
Revisão de textos:	Agência Fato Relevante

Foto da capa:	<i>Mauritia flexuosa</i> , buriti.
Foto:	Bento Viana / Acervo ISPN
Fotos do Sumário:	Aryanne Amaral, Emeric Kalil, Flávio Ubaid, Gustavo Nunes, Acervo pessoal de Michael Becker, Acervo pessoal de Peggy Poncelet e TerraMar Filmes

Mais informações:

<https://cepfcerrado.iieb.org.br/>
<https://iieb.org.br/>
<https://www.cepf.net/>

Redes Sociais:



iieboficial



Canal do IEB



iieboficial



iieboficial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C934c Critical Ecosystem Partnership Fund.
Cerrado [recurso eletrônico] : hotspot de biodiversidade / Critical Ecosystem Partnership Fund, Instituto Internacional de Educação do Brasil. – Brasília, DF: Mil Folhas do IEB, 2022.

Formato: HTML
Requisitos de sistema: Web browser
Modo de acesso: World Wide Web
Edição bilingue
ISBN 978-65-87337-13-5

1. Cerrados – Conservação. 2. Biodiversidade.
3. Desenvolvimento sustentável. I. Instituto Internacional de Educação do Brasil. II. Título.

CDD 634

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

PÁGINA 6



1. CERRADO SOB AMEAÇA

Bioma cobre quase um quarto do Brasil, responde por cerca de 60% da produção agrícola, mas já perdeu cerca de 50% de sua vegetação original.

PÁGINA 7



2. SOBRE O CEPF E IEB

Desde 2016, projetos se dedicam ao uso sustentável de recursos naturais e defesa das comunidades no Cerrado com diferentes estratégias.

PÁGINA 8



3. APRESENTAÇÃO

Michael Becker, Coordenador da Estratégia de Implementação do CEPF Cerrado.

PÁGINAS 9 E 10



4. ENTREVISTA

Peggy Poncelet, Diretora de Subvenções do CEPF.

PÁGINAS 11 A 14



5. ÁREAS PROTEGIDAS

RPPNs, as Reservas Particulares de Patrimônio Natural, são uma das poucas áreas protegidas criadas nos últimos dois anos no Cerrado.

PÁGINAS 15 A 18



6. RESILIÊNCIA CLIMÁTICA

Projetos juntam esforços e buscam sinergias para a preservação e a conservação ambiental, visando mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

PÁGINAS 19 A 22



7. ESPÉCIES AMEAÇADAS

A biodiversidade da fauna e da flora tem entre os seus ícones a perereca-macaco, o pato-mergulhão e o faveiro-de-Wilson.

PÁGINAS 23 A 26



8. EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL

Baru, pequi, macaúba, faveira, copaíba, buriti, babaçu. A rica diversidade de sabores naturais do Cerrado traz oportunidades para negócios sustentáveis.

PÁGINAS 27 A 30



9. POPULAÇÕES TRADICIONAIS E POVOS INDÍGENAS

O Cerrado é ocupado por um verdadeiro mosaico de povos, entre eles os indígenas e os quilombolas.

PÁGINAS 31 E 32



10. GÊNERO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Mulheres se unem para conservar o meio ambiente e se protegerem das violências que sofrem nos seus territórios e comunidades.

PÁGINAS 33 E 34



11. CONSERVAÇÃO 4.0

Tecnologias contribuem para aprofundar os conhecimentos sobre os recursos naturais do Cerrado e colocam no mapa comunidades antes invisíveis.

PÁGINA 35



12. FUTURO

O uso sustentável da biodiversidade e a manutenção dos serviços ecossistêmicos podem promover um ciclo econômico de prosperidade ambiental e social para o bioma.

PÁGINAS 36 A 67



13. PORTFÓLIO CEPF CERRADO 2016-2021





CERRADO SOB AMEAÇA

“O Sertão é do tamanho do mundo (...) Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados.”

Clássico da literatura brasileira, “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, descreve toda a imensidão e a beleza rústica do Cerrado, um dos mais importantes *hotspots* globais da biodiversidade.

O **Cerrado** é o berço dos grandes rios brasileiros e cobre uma área de 2 milhões de km² em 11 estados, quase um quarto da extensão territorial do Brasil, mas está hoje reduzido a somente 50% de sua vegetação original.

Embora pouco conhecido no país e no mundo, o bioma responde hoje por cerca de 60% da produção agrícola brasileira. Soja, milho, algodão, cana-de-açúcar e café batem sucessivos recordes de produção, mas estão cada vez mais ameaçados pelos extremos climáticos, principalmente a estiagem, como aconteceu na safra 2020/2021.

A expansão do agronegócio no Cerrado, impulsionada na década de 1970 pelas tecnologias da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), levaram o Brasil ao topo do ranking dos grandes *players* mundiais do setor. Mas a conversão dos solos do Cerrado em extensas lavouras gerou não apenas riqueza ao agronegócio, mas também a destruição de boa parte do bioma.

Nas últimas décadas, as altas taxas de desmatamento passaram a comprometer seriamente a resiliência do Cerrado e a sua contribuição para a regulação do clima global, devido às emissões de gases de efeito estufa e ao grave impacto sobre seus recursos hídricos. O uso indiscriminado das terras do Cerrado, sem ações de governança ambiental, reduz a oferta da água doce limpa que abastece oito das 12 regiões hidrográficas do Brasil e já ameaça o abastecimento urbano e rural.

A falta de uma política de ordenamento territorial intensifica os conflitos no bioma em prejuízo dos povos indígenas e comunidades tradicionais do bioma (quilombolas, extrativistas e agricultores familiares), que não têm a posse assegurada de suas terras e nem o reconhecimento formal do governo, embora seus direitos estejam protegidos pela Constituição Federal.

A exclusão crescente das populações tradicionais e povos indígenas, devido à especulação imobiliária em territórios protegidos e à grilagem em terras públicas, contribui para o aumento da pobreza rural e da degradação do Cerrado.

SOBRE O CEPF E IEB

O Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (CEPF, na sigla em inglês para *Critical Ecosystem Partnership Fund*) desenvolve ações para mobilizar a sociedade civil na conservação de alguns dos ecossistemas mais ricos do mundo em biodiversidade e que estão sob ameaça.

O CEPF é um programa conjunto da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), do Governo do Japão, e do Banco Mundial. O objetivo do Fundo é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade, através do apoio à proteção de ecossistemas únicos, conhecidos como *hotspots* de biodiversidade, que correm risco de destruição.

O Cerrado foi selecionado entre os 25 hotspots globais elegíveis para receber financiamento do CEPF e US\$ 8 milhões foram destinados a investir em projetos de conservação no período de julho de 2016 a junho de 2021 (posteriormente estendido até março de 2022).

Entre outubro de 2014 e outubro de 2015, a Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil) e o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN) prepararam em conjunto o **Perfil do Ecossistema: Hotspot de Biodiversidade do Cerrado**, com base em workshops e na contribuição de 130 instituições. Durante este exercício, foram identificadas prioridades de conservação e foi elaborada uma estrutura estratégica para a implementação do investimento do CEPF no hotspot Cerrado entre os anos de 2016 e 2022.

Em abril de 2016, o Instituto Internacional de Educação do

Brasil (IEB) foi selecionado pelo CEPF para atuar como a Equipe de Implementação Regional (RIT) responsável pela liderança estratégica do CEPF Cerrado durante a implementação do programa no bioma, de julho de 2016 a março de 2022.

O IEB é uma instituição do terceiro setor dedicada ao treinamento e capacitação de pessoas e ao fortalecimento de organizações nos campos da gestão de recursos naturais, gestão ambiental e territorial, bem como em outras áreas relacionadas à sustentabilidade. O IEB trabalha em rede, busca parcerias e promove a interação e o intercâmbio entre organizações da sociedade civil, associações comunitárias, órgãos governamentais e o setor privado.

Entre 2016 e 2022, o IEB e o CEPF publicaram cinco editais para financiar projetos no Cerrado. O CEPF e o IEB selecionaram 64 projetos para a conservação da biodiversidade e o uso sustentável dos recursos naturais no hotspot, em diferentes direções estratégicas e prioridades de investimento, de acordo com a estrutura estratégica do Perfil do Ecossistema. Três desses projetos tiveram que ser encerrados em um estágio inicial, portanto, nos referiremos a 61 projetos mais adiante. Estes, se somam aos dois subsídios concedidos ao IEB para atuar como Equipe Regional de Implementação e para gerenciar o mecanismo de pequenos apoios.

Nesta publicação, você conhecerá as histórias por trás de alguns desses projetos e os resultados alcançados pelo CEPF Cerrado durante esses seis anos.





Foto: Acervo pessoal de Michael B.

Os projetos do CEPF no Cerrado têm a mesma diversidade do bioma - abrangem um amplo território, que vai desde o Piauí até o Mato Grosso do Sul, um portfólio com diferentes estratégias - promoção da resiliência climática, proteção de espécies ameaçadas, apoio aos negócios sustentáveis e a capacitação para gestão territorial com as populações tradicionais -, além de uma grande variedade de atores locais em ação.

Esta diversidade de propostas e parcerias nos traz o desafio único de promover as interações entre os beneficiários e as comunidades do *hotspot* para construir sinergias capazes de potencializar os resultados.

Tome-se como exemplo o projeto **Consórcio Cerrado das Águas** com os produtores de café do Cerrado Mineiro, onde a nossa principal dificuldade foi o tempo. Trata-se de um trabalho que envolve toda a cadeia produtiva, do campo à indústria, passando por governos, institutos de pesquisa e comunidades. A maturação de um projeto como esse e a obtenção de resultados demandam muito tempo, porque exigem a participação e a decisão de várias instâncias.

Neste projeto, grandes torrefadoras, cooperativas, cafeicultores, administração pública e pesquisadores trabalharam juntos em protocolos para uma agricultura resiliente e adaptada às mudanças do clima.

O mesmo aconteceu com o projeto de fortalecimento do mercado

APRESENTAÇÃO

de sementes, conduzido pela **Rede de Sementes do Cerrado**, onde foi preciso construir toda uma cadeia, formar a demanda, montar a oferta e elaborar uma estratégia de negócio e marketing.

Os atores são diferentes, os cenários, assim como as realidades. Ao mesmo tempo em que se reúne com um executivo da Nestlé, em São Paulo, um biólogo está protegendo uma perereca ameaçada de extinção e uma cooperativa mobiliza os extrativistas da cadeia do baru. A realidade do Triângulo Mineiro é completamente diferente da realidade das quebradeiras do coco babaçu do Maranhão.

Um dos principais objetivos do CEPF é justamente o de incorporar toda essa diversidade, com o objetivo de proteger os recursos naturais do Cerrado e garantir a sua manutenção. Aí a questão mais forte é o trabalho com as pessoas, sejam elas populações tradicionais do território ou produtores de café.

Além de apoiar os projetos socioambientais, o CEPF e o IEB estão preocupados em fortalecer a sociedade civil no Cerrado. O programa fez um grande esforço para construir pontes. E o resultado foi positivo.

Um exemplo marcante é o da mobilização das mulheres. O protagonismo feminino na conservação do bioma ocorre tanto no Pantanal como no Cerrado, e os encontros promovidos pelos parceiros revelaram as similaridades e oportunidades de integração, não apenas na questão ambiental, como no trabalho e no combate à discriminação e à violência.

A conscientização sobre a interdependência entre as funções ecossistêmicas e socioeconômicas da biodiversidade do Cerrado é uma das bandeiras do CEPF e do IEB. É fundamental investir no fortalecimento da sociedade civil para incorporar a conservação da biodiversidade nas políticas públicas e práticas privadas.

Os investimentos do CEPF no Cerrado contribuíram para apoiar as cadeias produtivas de frutos nativos e a inserção no mercado dos produtos da sociobiodiversidade, criando condições para a conservação do bioma. Ao mesmo tempo, projetos apoiados pelo CEPF buscam incentivar práticas sustentáveis na agricultura.

Por fim, temos que destacar que os projetos nos últimos dois anos foram conduzidos durante a pandemia do coronavírus, o que exigiu um esforço extra de nossos parceiros em ações humanitárias. Muitos deles tiveram que reduzir o seu tempo de execução ou utilizar as ferramentas eletrônicas para o contato com as comunidades.

Nesta publicação, apresentamos alguns dos trabalhos desenvolvidos pelos nossos parceiros, com apoio do CEPF e do IEB, que buscaram encontrar um novo caminho para o desenvolvimento do Cerrado, socialmente justo e preparado para um novo normal climático.

Michael Becker
Coordenador da Estratégia de
Implementação do CEPF Cerrado

ENTREVISTA

PEGGY PONCELET, Diretora de Subvenções do CEPF

“Além de ser um dos biomas mais devastados do Brasil, o Cerrado oferecia a oportunidade de trabalhar lado a lado com o setor privado e desenvolver um modelo inovador, proativo, que poderíamos aprender e replicar em outros lugares. Havia as condições e atributos que nos permitiriam incentivar o engajamento da sociedade civil na preservação e conservação”, diz Peggy, explicando os motivos que levaram o CEPF a escolher o bioma como um dos hotspots prioritários.

Nesta entrevista, Peggy avalia os resultados dos projetos desenvolvidos nestes seis anos de trabalho e diz que o grande legado foi engajar e fortalecer a sociedade civil na conservação e preservação do bioma.

Em 2013, o CEPF escolheu o Cerrado como um dos principais hotspots e alocou 8 milhões de dólares para serem investidos em projetos entre 2016 a 2021. Qual foi a principal motivação do CEPF em escolher o Cerrado?

O Cerrado é um órfão da atenção conservacionista no Brasil, embora registre as maiores taxas de desmatamento do país. Em 2013, quando o CEPF escolheu o bioma como um dos hotspots prioritários havia somente 3% do bioma protegido e 50% da vegetação original estava sendo modificada. A previsão naquela época era que em 2020/2021 a cobertura original cairia para 28%. Nós sabíamos que as maiores ameaças viriam do agronegócio. O Cerrado para o CEPF oferecia a oportunidade de trabalhar lado a lado com o setor privado. A sociedade civil estava um pouco mais avançada se comparada a outros hotspots. O Cerrado nos oferecia, portanto, o potencial para desenvolvermos um modelo inovador, proativo, que poderíamos aprender e replicar em outros lugares. Havia as condições e atributos que nos permitiriam incentivar o engajamento da sociedade civil e do setor privado.

Que tipo de contribuição a comunidade internacional pode trazer para preservar o bioma?

Acredito que a comunidade internacional pode fazer quatro coisas:

1. Focar a atenção nacional e internacional na biodiversidade do Cerrado. Não há acordos globais ou regionais para savanas, como há para florestas, pântanos e oceanos. Essa falta de reconhecimento internacional limita tanto a ação nacional quanto a cooperação internacional para os ecossistemas do Cerrado.

2. Oferecer suporte a nível estadual que é onde o interesse econômico geralmente prevalece sobre os interesses ambientais. E isso é especialmente importante para o Cerrado, porque ele engloba onze estados e aproximadamente 1.300 municípios e a tendência é se descentralizar do nível federal para os estaduais e locais.

3. Financiar oportunidades emergentes de engajamento construtivo entre comunidades e empresas em favor do desenvolvimento sustentável, em vez do paradigma negativo prevalecente de certas práticas do agronegócio em conflito com comunidades tradicionais e indígenas, que geralmente coexistem com a natu-



Peggy Poncelet é diretora de subsídios do hotspot das Florestas Guineenses da África Ocidental e do hotspot do Cerrado.

4

Foto: Aryanne Amaral

“JUNTOS SOMOS MAIS FORTES”

reza. Nós temos que mudar isso e trabalhar juntos para criar um desenvolvimento sustentável no Cerrado.

4. Trazer fundos e conhecimentos técnicos para as organizações da sociedade civil, para que elas cresçam, ampliem as ações de conservação de base e trabalhem em parceria entre si, com o governo e o setor privado. Ao contribuir para a estratégia mais ampla de conservação do Cerrado, uma liderança mais robusta da sociedade civil pode surgir como um terceiro pilar, influenciando a tomada de decisões junto aos setores público e privado, que atualmente são muito mais fortes no Brasil.

O novo relatório do IPCC mostra que nós estamos enfrentando mudanças climáticas nunca vistas antes, algumas irreversíveis. O problema da mudança climática não é mais um problema futuro. Ele exige decisões rápidas, tais como evitar o desmatamento. O Brasil tem a biodiversidade e os países ricos; os recursos. Qual o melhor caminho para a justiça climática?

Está certo, não é para o futuro, é para já. É essencial associar as agendas da biodiversidade e das mudanças climáticas. O Cerrado ajuda a manter um fluxo de água equilibrado não apenas no Brasil, mas também nos países vizinhos. Ele também desempenha um papel fundamental no sequestro de carbono. Enquanto o problema da água é mais regional, o carbono é uma preocupação internacional que impacta tanto os países em desenvolvimento quanto os desenvolvidos. De novo, aí entra a importância do equilíbrio. As projeções incluem temperaturas mais altas, menos chuvas e eventos climáticos extremos, como incêndios mais frequentes e secas extremas no Cerrado. Isto causará impactos severos em seus ecossistemas e, conseqüentemente, na sociedade. As comunidades locais terão que se esforçar ainda mais para se adaptarem a essas situações. A comunidade internacional vem focando exclusivamente na preservação da Amazônia e isso precisa mudar. Esses investimentos precisam

vir do setor público e privado por causa do impacto que isso terá nos negócios. O fluxo de financiamento para a conservação e restauração do Cerrado deve ser feito de maneira a garantir benefícios justos, inclusive para os produtores e comunidades indígenas.

Dos resultados obtidos por vários projetos desenvolvidos pelo CEPF no Cerrado, quais soluções você vê para o futuro do bioma?

Com base nos resultados dos últimos seis anos, as seguintes soluções podem ser utilizadas para o futuro do Cerrado:

1. Incentivar políticas públicas com disposições conservacionistas em âmbito estadual e municipal, como, por exemplo, os Conselhos Municipais de Meio Ambiente (COMDEMAS) para promover debates e ações sobre conservação e gestão da biodiversidade;
2. Trabalhar com o setor privado por meio de um engajamento efetivo de produtores e outros atores, para promover práticas agrícolas inteligentes para o clima e adaptadas às condições locais, acompanhadas de monitoramento para que possamos demonstrar o retorno do investimento e os benefícios socioambientais;
3. Promover os produtos florestais não-madeireiros do Cerrado para os mercados locais e internacionais, fornecer incentivos para a conservação da biodiversidade e preservar a identidade cultural e o modo de vida tradicional. Devemos continuar divulgando os produtos locais, como o baru, o pequi e os frutos do Cerrado nos mercados locais e internacionais. Isso trará boas razões para a proteção do bioma, pois resultará em retorno financeiro.
4. Restaurar os ecossistemas do Cerrado, para restabelecer os serviços ecossistêmicos, fundamentais para o futuro do Brasil e do planeta;
5. E, mais importante, aumentar a proteção do Cerrado, em particular por meio da criação de reservas privadas e do registro e reconhecimento oficial de terras tradicionais e indígenas.

Como você vê a força da sociedade civil, encorajada pelas ações da CEPF, e a participação do IEB no programa de implantação?

Nossos parceiros no Cerrado têm feito um trabalho incrível e provado serem fortes e resilientes a contextos climáticos, econômicos e políticos em rápida mudança.

Há seis anos quando iniciamos nosso investimento no Cerrado, as organizações da sociedade civil não estavam colaborando entre si, em parte, porque várias redes estavam inativas e tinham acesso limitado aos fundos internacionais.

O CEPF mudou isso. Não só por ser o único fundo internacional exclusivamente dedicado à sociedade civil e à conservação do Cerrado, mas também porque 84% dos nossos recursos vão para os pequenos apoios, financiando projetos que visam a capacitação de organizações locais.

Agora, nós temos 60 organizações atuando no Cerrado, interagindo também com órgãos internacionais. Estas organizações ativas estão interconectadas com uma comunidade mais ampla de 300 organizações. Cerca de 20 parcerias e redes foram formadas entre atores públicos, acadêmicos, setor privado e sociedade civil para catalisar ações integradas e, por vezes, políticas para a conservação e o desenvolvimento sustentável do Cerrado. E 155 membros de órgãos de governança e conselhos, como comitês de bacias hidrográficas, conselhos de gestão de áreas protegidas, conselhos estaduais e municipais, foram fortalecidos para participar e influenciar a tomada de decisões para a conservação do *hotspot*.

Mas tudo isso, por si só, não teria sido suficiente. Gostaria de elogiar o enorme esforço da Equipe de Implementação Regional para fomentar a colaboração entre as organizações beneficiárias e outras partes interessadas, em torno de temas como restauração, cadeias de suprimentos, TICCA's - Territórios e Áreas Conservados por Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais e Locais -, ou em torno de centros geográficos para uma abordagem de paisagem.

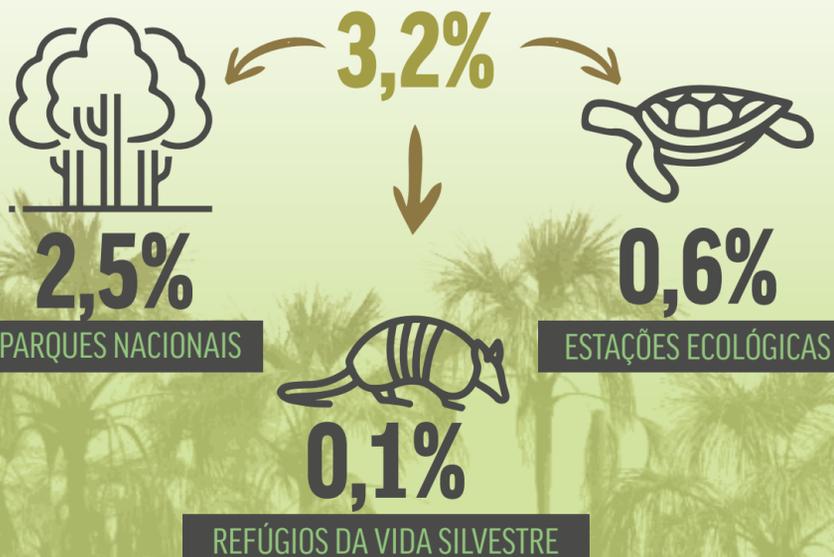
Como gosto de dizer: juntos somos mais fortes. E esse é o legado do CEPF no *hotspot* de biodiversidade do Cerrado.

ÁREAS PROTEGIDAS

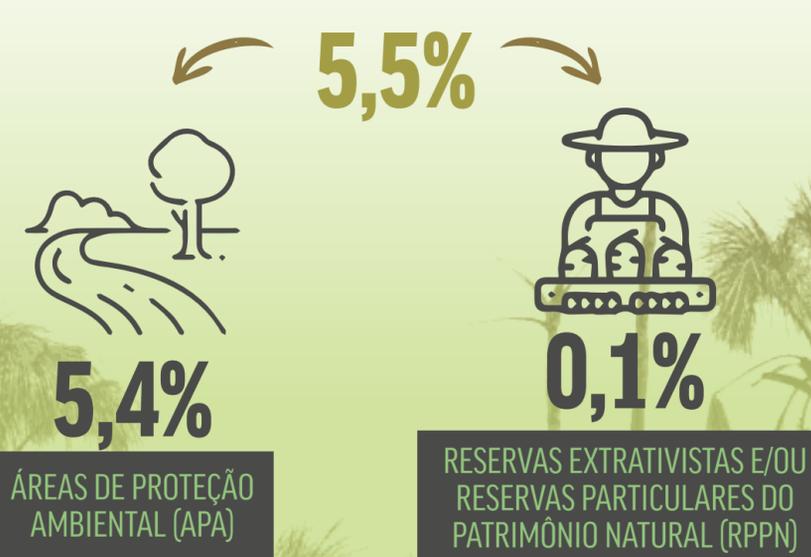


8,7% DO CERRADO É PROTEGIDO POR UNIDADES DE COSERVAÇÃO (UC)

ÁREAS PROTEGIDAS NA CATEGORIA DE PROTEÇÃO INTEGRAL



ÁREAS PROTEGIDAS NA CATEGORIA DE USOS SUSTENTÁVEIS



UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO CERRADO

Fonte: Cadastro Nacional e Unidades de Conservação do Ministério do Meio Ambiente (CNUC), 2018



Apenas 8,7% do Cerrado são protegidos por Unidades de Conservação, sendo 3,2% em áreas de proteção integral e 5,5% em áreas de uso sustentável.

Os maiores remanescentes de vegetação nativa não convertida em agricultura mecanizada de larga escala do Cerrado (67% de acordo com o Mapbiomas¹) estão na região conhecida como Matopiba, que compreende áreas do bioma dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

O Matopiba se transformou nos últimos anos em fronteira de expansão agrícola, com grandes lavouras de soja, milho e algodão, além de fazendas de gado. O baixo custo das terras, quando comparado às áreas consolidadas do Centro-Sul, e a topografia plana, atraíram empreendedores e produtores rurais para a região, o que vem provocando recordes de desmatamentos e acirrando os conflitos de terra e este cenário reflete o que vem acontecendo em todo território do *hotspot* há décadas. Depois da Mata Atlântica, o Cerrado é o bioma brasileiro que mais sofreu com a ocupação humana e o alto grau de ameaça pela perda de habitat fez com que esses dois biomas fossem considerados prioritários para o investimento em conservação da biodiversidade e serviços ecossistêmicos pelo Fundo.

O apoio do CEPF e IEB à criação de novas áreas protegidas públicas e privadas e à gestão eficaz daquelas já existentes alavancou uma contribuição notável para a conservação dos recursos naturais do

Cerrado e de sua sociobiodiversidade.

Com as iniciativas dos nossos parceiros foi possível avaliar o cenário das unidades de conservação municipais do Cerrado para o fortalecimento das políticas de proteção local da biodiversidade; aumentamos o número de reservas privadas no bioma, incentivando proprietários rurais a investir em Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs); fortalecemos os Conselhos Municipais de Meio Ambiente (COMDEMAS) para subsidiar decisões locais que contribuam para o alcance das metas mundiais de conservação da biodiversidade e colaboramos para que o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente reconhecesse um território tradicional, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, como o primeiro do Brasil a integrar a rede de Territórios e Áreas Conservados por Comunidades Indígenas e Locais (TICCAs).

Estes são alguns exemplos dos impactos importantes que conseguimos alcançar para a expansão e fortalecimento da rede de áreas protegidas no *hotspot* Cerrado.

Entre 2016 e 2022, os parceiros do CEPF reforçaram a proteção e o manejo de aproximadamente 2,2 milhões de hectares em áreas protegidas no Cerrado. O Projeto Reservas Particulares no Cerrado criou 29 RPPNs em KBAs prioritários e em todo o *hotspot*. Além disso, 21 áreas possuem documentação arquivada junto aos órgãos ambientais, aguardando aprovação e publicação dos decretos de criação.

O QUE SÃO KBAS?

As Áreas-Chave de Biodiversidade ou *Key Biodiversity Areas* são os lugares mais importantes no mundo para as espécies e seus habitats, e melhorar sua gestão e proteção é um objetivo fundamental do CEPF. As principais Áreas-Chave de Biodiversidade são locais que contribuem significativamente para a persistência global

da biodiversidade terrestre, de água doce e marinha ecossistemas. As áreas que se qualificam como KBAs globais atendem um ou mais de 11 critérios agrupados em cinco categorias: biodiversidade ameaçada, biodiversidade geograficamente restrita, integridade ecológica, processos biológicos, e insubstituibilidade. Para saber mais, acesse o [Perfil do Ecossistema do hotspot de biodiversidade do Cerrado](#).

A figura 1 demonstra em números os impactos atingidos que respondem à Direção Estratégica 2 (Áreas Protegidas Ampliadas nos Corredores Prioritários e sua Efetividade de Gestão Reforçada) do Marco Lógico do *hotspot* Cerrado (2016-2021).

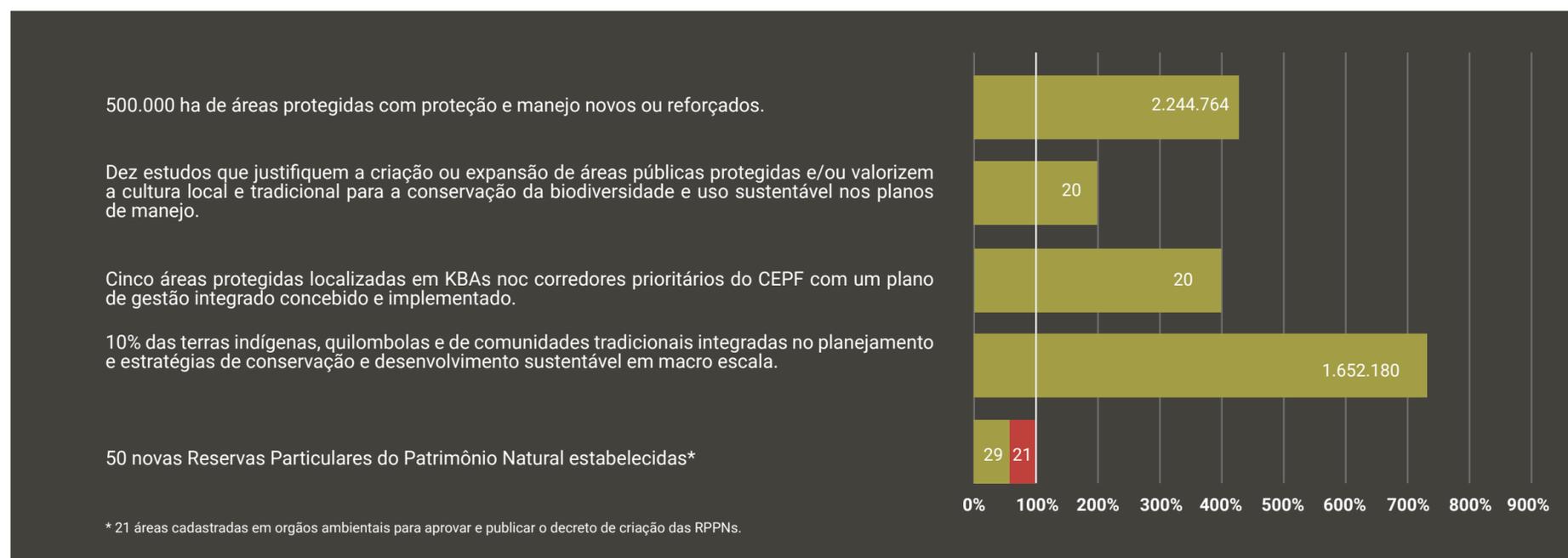


Figura 1. Impactos alcançados na Direção Estratégica 2 (Áreas Protegidas Ampliadas nos Corredores Prioritários e sua Efetividade de Gestão Reforçada) do Marco Lógico do *hotspot* Cerrado (2016-2021).

¹ Mapbiomas Brasil v. 6.0. 2021. Disponível em <https://mapbiomas.org/>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

RESERVAS PRIVADAS NO CERRADO

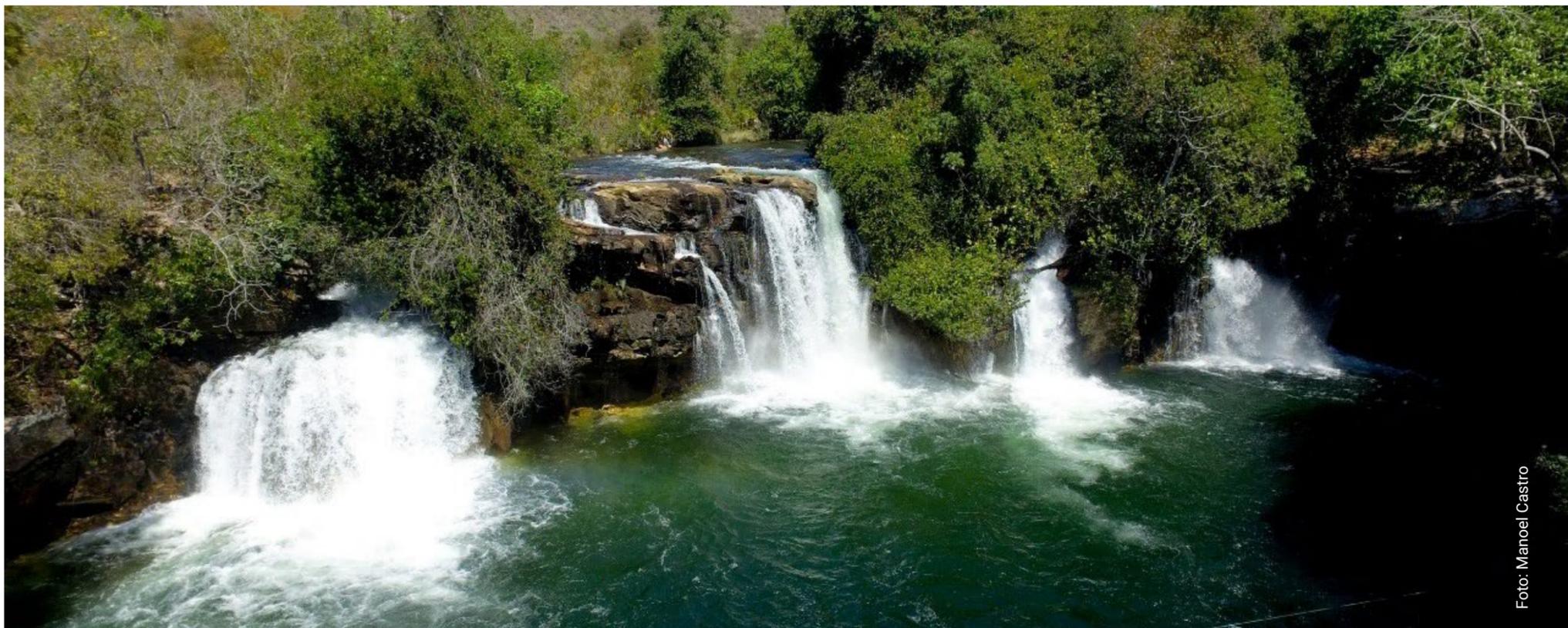


Foto: Manoel Castro

No bioma existem cerca de 250 RPPNs, Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN), o que corresponde a cerca de 200 mil hectares. “É muito pouco. Não chega nem a 1% do total. Mas o importante é que hoje as RPPNs são as únicas unidades de conservação criadas nos últimos dois anos”, diz Laércio Machado de Sousa, consultor da Fundação Pró-Natureza (Funatura) e coordenador do projeto Reservas Privadas no Cerrado, que desenvolve um projeto no bioma para incentivar proprietários rurais a investir em reservas particulares, com apoio do CEPF e IEB.

A RPPN é uma unidade de conservação de domínio privado, gravada com perpetuidade na matrícula do imóvel, com o objetivo de conservar a diversidade biológica. A criação desta unidade não afeta a titularidade do imóvel.

A Usina Coruripe, com sede em Alagoas, produz desde 2001 açúcar, etanol e bioeletricidade. Nos últimos 15 anos passou a produzir também RPPN. A empresa já tem mais de 9.000 hectares de reservas localizadas na Mata Atlântica, no Nordeste, e no Cerrado Mineiro.

Nestas áreas, além de ações de recuperação, conservação e preservação ambiental, a Coruripe mantém um projeto de monitoramento de mamíferos para proteção e manejo das espécies, como o projeto Bicudo (veja box na página 14).

“Tudo isso surgiu com o objetivo de compensar a falta de reserva legal no Triângulo Mineiro. Só que nós gostamos da coisa e hoje já temos aproximadamente 7.500 hectares de RPPN no Cerrado”, diz o gerente de Sustentabilidade da Usina Coruripe, Bertholdino Apolônio Teixeira Junior.

A lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação colocou as RPPNs entre os 11 tipos de unidades de conservação. A RPPN é criada pelo proprietário rural, sem desapropriação da terra. Ao criar a RPPN, o proprietário assume compromisso com a conservação da natureza, como foi o caso da Coruripe.

“A RPPN de Januária está na divisa de Minas com a Bahia, na

bacia do Rio Carinhanha, que é o principal afluente do médio São Francisco. É uma região que tem muitas veredas e está próxima do Parque Nacional Grande Sertão Veredas”, diz Berthonildo.

Criar uma RPPN traz vários benefícios aos proprietários, explica o coordenador do projeto. “Tem algumas áreas na propriedade que o produtor não utiliza, que é impossível de plantar soja ou colocar um boi. Mas ele paga ITR sobre aquela área. Se ele fizer uma RPPN, não vai pagar o ITR dessa área. Outro benefício - ele adequa o sistema de produção ao que o mundo está vendo lá fora hoje, a produção sustentável. Ele protege as nascentes, e a água é extremamente necessária para a agricultura, assim como a polinização”, resume Laércio.

Quem faz uma RPPN tem ainda direito de propriedade preservado, prioridade na análise dos projetos pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), do Ministério do Meio Ambiente, e preferência na análise de pedidos de concessão de crédito agrícola nas instituições oficiais de crédito.

No Cerrado, o maior número de RPPNs está em Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros. Segundo Laércio, ali há um conjunto de 25 RPPNs. Essas áreas estão todas no entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, onde estão sendo criados projetos que unem conservação e ecoturismo.

Há uma burocracia a ser cumprida para quem deseja criar uma RPPN. São necessários documentos legais e legítimos, como a Certidão e a Matrícula do Imóvel. Isto torna o processo moroso, porque no Brasil há um problema sério de regularização fundiária.

Perguntas e respostas sobre RPPN

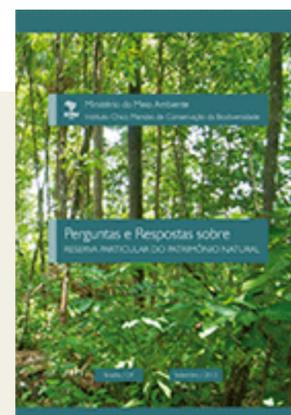




Foto: Flávio Ubaid

A preservação do bicudo, pássaro em vias de extinção, é um dos projetos da Usina Coruripe e do Instituto Ariramba, que já introduziu dezenas de casais na RPPN Porto Cajueiro, em Januária, no Norte de Minas Gerais. “É um pássaro preto pequenininho, considerado em termos de canto na natureza um dos mais harmônicos. Seu canto se assemelha ao de uma flauta”, diz o Gerente de Sustentabilidade da Usina Coruripe, Bertholdino Apolônio Teixeira Junior.

“Essa ave tem grande valor de mercado. Há aves que chegam a

O CANTO DO BICUDO VOLTA AO CERRADO

valer 10 mil reais e já apareceu uma com preço de um milhão de reais. Há muitas criações particulares do pássaro. Na natureza ele está praticamente extinto, mas existem mais de 100 mil espécies em cativeiro”. Bertholdino explica que a captura do Bicudo foi tão intensa que a espécie está praticamente erradicada do país.

O bicudo é uma das aves mais raras e ameaçadas do Brasil e atualmente são desconhecidas populações em vida livre no país. O último registro na natureza ocorreu no final de 2014, onde uma pequena população foi localizada no interior de Mato Grosso. Desde então não foi mais avistada. No restante do país, o bicudo foi extinto em praticamente toda sua área de ocorrência.

O apoio do CEPF e do IEB fortaleceram as ações de reintrodução do bicudo em Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), através do projeto “Reintrodução do bicudo em áreas-chave para a conservação do Cerrado”, que foi executado pelo Instituto Ariramba e [Projeto Bicudo](#). As atividades concentraram-se principalmente no norte de Minas Gerais, área que abrange o Corredor Sertão Veredas-Peruaçu e a [RPPN Porto Cajueiro](#).

A UNIÃO DOS CONSELHOS MUNICIPAIS DE MEIO AMBIENTE

Criada em 1993, em meio a campanha da criação do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, em Bonito (MS), a [Fundação Neotrópica do Brasil](#) tem como objetivos promover e realizar ações de conservação da natureza para garantir a manutenção dos diferentes ambientes naturais e da diversidade de vida na Terra.

“Desde sua criação, a Fundação já realizou mais de 40 projetos de conservação ambiental e a partir de 2004 começou com a execução do projeto “Corredor de Biodiversidade Miranda – Serra da Bodoquena”, informa Rodolfo Portela Souza, superintendente executivo da Fundação.

O projeto [União dos COMDEMAS - Mobilizando Atores no Corredor Miranda-Bodoquena](#) busca o fortalecimento dos Conselhos Municipais de Meio Ambiente para subsidiar decisões locais que contribuam para o alcance das metas mundiais de conservação da biodiversidade.

O COMDEMA (Conselho Municipal de Meio Ambiente) é a união dos órgãos públicos, setores empresariais, políticos e as organizações da sociedade civil. As atividades do projeto começaram em 2018. Mais de 70 pessoas foram mobilizadas por ações do projeto em vários municípios que possuem fragmentos dos biomas Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica em Mato Grosso do Sul.

O conselho promove debates na busca de soluções para o uso dos recursos naturais e para a recuperação dos danos ambientais. Seu objetivo é subsidiar ações e decisões voltadas a questões ambientais locais, que contribuam para o alcance de metas

mundiais de conservação.

Os COMDEMAS promovem a sensibilização, empoderamento e união da sociedade sobre questões associadas à conservação do bioma. Também incentivam a criação de políticas públicas municipais para conservação do bioma, a ampliação de áreas protegidas municipais e a melhoria na gestão das unidades de conservação já existentes.

A Neotrópica atua junto aos órgãos do executivo municipal e os COMDEMAS para que eles tenham ideia do que pode ser gerado de ICMS Ecológico nos municípios. “Esta parcela do imposto, apesar de ter potencial, têm gerado pouco. A ideia é melhorar a captação de recursos desse tributo, que é dividido com os municípios que têm melhores índices ambientais”, diz Rodolfo.

O ICMS Ecológico é um mecanismo de repartição de receitas tributárias pertencentes aos municípios. Ele é baseado em um conjunto de critérios ambientais, estabelecidos para determinar quanto cada município irá receber dos recursos financeiros arrecadados com o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) do Estado.

O incentivo financeiro é concedido aos municípios que comprovem a conservação ambiental e a correta gestão dos resíduos sólidos urbanos. Do total arrecadado pelo Estado, 25% do ICMS é repassado aos municípios, sendo 5% com base na área municipal, 7% são divididos igualmente entre todos, 5% com base no número de eleitores de cada cidade, 3% conforme o índice do percentual de receita própria de cada um e 5% para critérios ambientais.

RESILIÊNCIA CLIMÁTICA





Foto: Aryanne Amaral

Os serviços ecossistêmicos propiciados pela biodiversidade do Cerrado são muito maiores do que podemos mensurar, e eles vão muito além de locais e corredores específicos, ou até mesmo de todo *hotspot*. As áreas naturais mantêm o funcionamento do ecossistema como um todo, o que constitui uma condição necessária para a conservação da biodiversidade, e os vários serviços ecossistêmicos fornecem fortes justificativas para investimentos, principalmente para a provisão de água, restauração e mitigação das mudanças climáticas.

A partir desta perspectiva, o financiamento do CEPF Cerrado buscou fortalecer estratégias que foram além da conservação da biodiversidade e incluíram a água, o clima e a restauração como objetivos centrais de ações que envolvem adaptação e resiliência às alterações climáticas.

Os projetos apoiados neste eixo estratégico passaram pelas seguintes iniciativas: adoção de melhores práticas na agricultura, onde os produtores de café do Cerrado mineiro se envolveram em um programa que oferece serviços especializados para

o desenvolvimento ambiental das suas propriedades em três frentes: 1) restauração, 2) práticas agrícolas climaticamente inteligentes e 3) gestão eficiente de recursos hídricos; pela intensificação sustentável de sistemas silvipastoris com árvores nativas de Cerrado que aumenta a produção de alimentos e a conservação da natureza; pelo incentivo ao estabelecimento do comércio de sementes nativas na cadeia da restauração ecológica e como oportunidade de renda no campo; e pela promoção de paisagens produtivas sustentáveis mediante à implementação de agroflorestas.

Em relação às ações de adaptações e resiliência climática no Cerrado, o CEPF contribuiu com a melhoria do manejo de aproximadamente 719.000,00 hectares de paisagens produtivas para a conservação da biodiversidade ou uso sustentável no bioma. Além disso, com as ações dos nossos parceiros, conseguimos fomentar 44 tecnologias sustentáveis e melhores práticas de produção no setor agrícola, que vão garantir a proteção da biodiversidade, a manutenção dos serviços ecossistêmicos e a segurança alimentar (Figura 2).

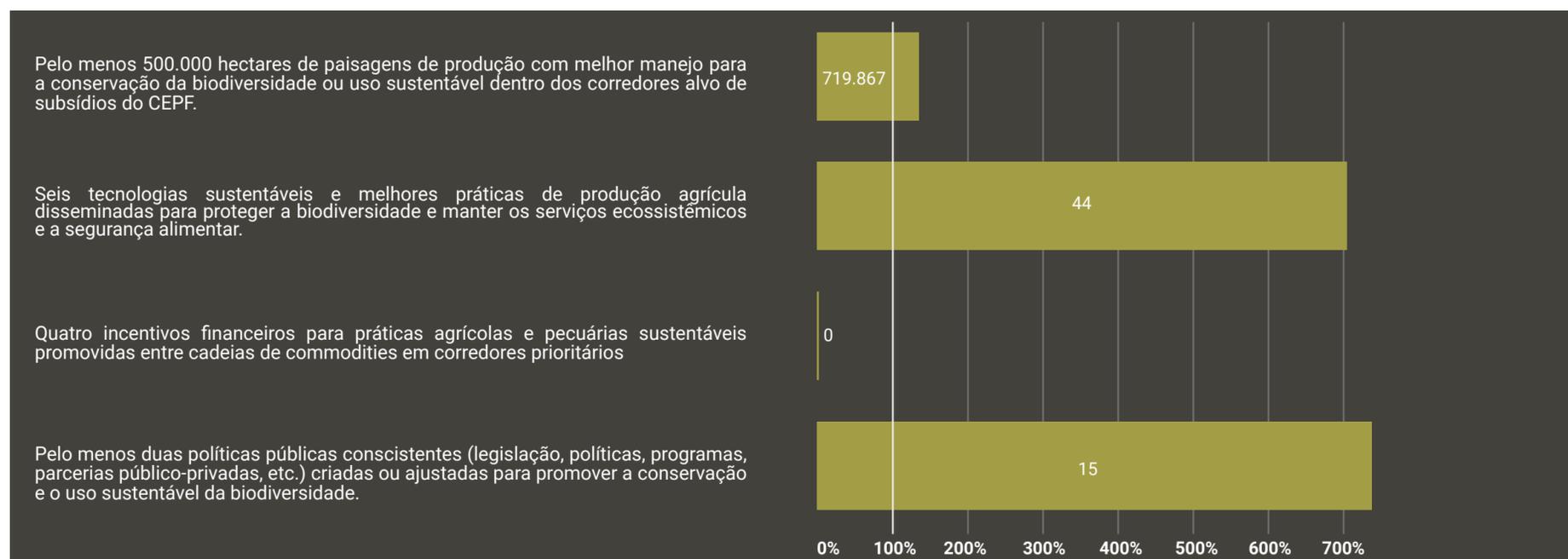


Figura 2. Impactos atingidos na Direção Estratégica 1 (Promover a Adoção das Melhores Práticas em Agricultura) do Marco Lógico do *hotspot* Cerrado (2016-2021).

CERRADO DAS ÁGUAS

Instabilidade é uma palavra cada vez mais comum entre os cafeicultores do Cerrado Mineiro. Sujeita à bionalidade, condição natural da cultura, que alterna safras gordas e magras, a produção nos últimos anos ficou também à mercê dos efeitos das mudanças climáticas. Na temporada 2020/2021, segundo as estimativas da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais, a produção de café arábica no Cerrado deve ter redução de até 3 milhões de sacas devido à seca e às geadas. O resultado é uma perda de aproximadamente R\$ 8 bilhões de reais.

Nas contas do cafeicultor Leonildo Vicente de Paula, de Patrocínio (MG), a quebra chega a 50% na colheita de 2021. Assustado com as mudanças bruscas do clima da região, Leonildo aderiu ao Programa de Investimento no Produtor Consciente, uma das atividades do **Consórcio Cerrado das Águas**. Plantou árvores em áreas degradadas e braquiárias para proteger o solo, controlar a erosão e fornecer matéria orgânica.

“O clima mudou muito por aqui. Tem granizo, ventania, seca. A perda é grande, e isso tem sido constante. Este ano é um ano de baixa, mas não se esperava uma queda tão alta. Foi consequência da seca”, diz a bióloga Fabiane Sebaio Almeida, secretária executiva do Consórcio Cerrado das Águas.

O consórcio, que inclui a cadeia produtiva do café, além de governo e a sociedade civil, funciona como uma plataforma colaborativa. O objetivo é juntar esforços para a preservação e conservação ambiental para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

Participam do consórcio grandes empresas e cooperativas do setor - Lavazza, Nespresso, Nestlé, COFCO, Expocaccer e Cooxupé, além da Conservação Internacional, todas juntas com os produtores para uma agricultura resiliente às mudanças.

“A pergunta que se deve fazer é se os nossos sistemas econômicos, naturais e políticos estão maduros para absorver os choques de eventos climáticos extremos como a seca”, diz Michael Becker, coordenador da estratégia de implementação do CEPF Cerrado.

“A água de hoje é fruto da paisagem que construímos” é o lema do programa. As intervenções do consórcio nas propriedades são financiadas por fundos. *“A gestão inteligente dos recursos hídricos é a principal estratégia deste trabalho. A saúde e o uso sustentável das bacias hidrográficas da região, além de ser o indicador mais importante dos resultados das intervenções, é fundamental nesse contexto de escassez hídrica”,* explica Fabiane.

O projeto piloto começou em Patrocínio, mas a meta do Consórcio Cerrado das Águas é alcançar todo o bioma, conhecido como berço das águas e responsável pelo abastecimento de três grandes aquíferos subterrâneos, o Bambuí, Urucuia e o Guarani, que alimentam grandes rios continentais e represas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Tocantins, Piauí e Bahia, além do Distrito Federal.

AGROFLORESTAS DO CERRADO

Todos os sábados, Robinho lota a sua Kombi 2011 com cestas cheias de verduras, legumes e frutas, dirige 50 km entre Planaltina

e o Plano Piloto, em Brasília (DF), para entregar os alimentos a 70 clientes que fazem parte de uma CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura).

Robemario Ribeiro de Souza, 51 anos, o Robinho, produz e vive com a mulher e cinco filhos em um lote de apenas 7,5 hectares no Assentamento Oziel Alves III, do qual tira uma renda mensal de 11.600 reais por mês.

O assentamento é um modelo que deu certo graças à integração entre três organizações - Universidade de Brasília (UNB) de Planaltina, Rede de Sementes do Cerrado e **Rede Bartô**, que uniram seus conhecimentos para organizar e capacitar os agricultores, produzir alimentos e mudas para regularização ambiental e restaurar e conservar o bioma.

“A Rede Bartô é uma organização da sociedade civil, fundada em 2013 por um movimento social, que depois se tornou uma associação das comunidades da parte norte de Brasília, com a missão de trabalhar as perspectivas socioambientais da Bacia do Rio São Bartolomeu, uma das principais bacias que abastece o Distrito Federal”, diz Fabricio Lima, coordenador do projeto.

As agroflorestas foram implementadas dentro dos lotes de alguns assentados. *“Na segunda fase do projeto, a gente continuou com a capacitação e passamos a enriquecer as agroflorestas com mudas de interesse econômico”,* diz Fabricio. Além da CSA, Brasília criou uma RSA, sigla de Restaurantes que Sustentam a Agricultura.

Fabricio conta como funcionam as CSAs, que hoje dão sustentação para os assentamentos. *“São grupos formados por pessoas interessadas em comer melhor, ajudar a manutenção do agricultor no campo e preservar a natureza. Eles financiam a produção que consiga atender às necessidades do grupo. A média gira em torno de 12 a 70 co-agricultores”* diz.

A UNB entrou com um aplicativo que eles mesmo desenvolveram para fazer o monitoramento das áreas restauradas. A Rede de Sementes do Cerrado ajudou na capacitação dos assentados para a coleta de sementes nativas, armazenamento e beneficiamento. Para a regularização ambiental foi utilizado a semeadura direta, que traz uma série de benefícios, como aumentar a taxa de germinação das plantas e otimizar os recursos.

“O levantamento das espécies busca recuperar o ambiente do jeito que ele era antes de ser degradado. Usamos espécies nativas como barbatimão, carvoeiro, guariroba, ipê-roxo, macela, mutamba, entre várias outras, todas adquiridas na Rede de Sementes do Cerrado”, explica Fabricio.



MUVUCA

Substantivo feminino, muvuca significa “aglomeração barulhenta de pessoas em locais públicos, agito, ouriço, confusão e tumulto”, segundo o Dicionário Michaelis. Mas entre os indígenas, e mais recentemente entre agrônomos e ambientalistas, muvuca é a mistura de várias sementes com terra utilizada para regenerar uma área devastada.

A técnica é a principal atividade da **Rede de Sementes do Cerrado**, associação sem fins lucrativos que nasceu na Universidade de Brasília há cerca de 20 anos. Sua missão é desenvolver ações para a defesa e a recuperação do Cerrado.

O Cerrado tem apenas duas estações - seca e chuva. O preparo do solo é feito durante a seca. Quando começam as chuvas, entre outubro e novembro, é hora de plantar. *“Para isso, é preciso escolher as sementes seguindo a sucessão ecológica – as que crescem primeiro, as que demoram mais para nascer. As árvores vão ser plantadas juntas”*, diz Camila Motta, bióloga e presidente da Rede de Sementes do Cerrado

As sementes são coletadas nas áreas conservadas. Elas têm um ponto de maturação certo para a coleta e precisam ser armazenadas corretamente. A coleta é feita ao longo do ano inteiro.

“Na muvuca, você mistura todas essas sementes de várias espécies e planta diretamente no solo. Há várias formas de se fazer isso, desde a manual até a mecânica, com o uso de maquinário agrícola. Cerca de 50 espécies são utilizadas na muvuca. Com esta técnica, a gente imita a natureza”, conta.

Como a técnica utiliza uma grande quantidade de sementes, é preciso mobilizar uma grande quantidade de pessoas nessa



Foto: Luana Santa Brígida / Rede de Sementes do Cerrado

atividade. Esta é uma das vantagens da muvuca – o apoio às comunidades tradicionais. Por outro lado, o custo do plantio é mais baixo, tem maior eficácia e biodiversidade.

“Este trabalho capacita os coletores, divulga ações e técnicas bem-sucedidas de restauração e fortalece o comércio de sementes nativas do Cerrado. Para a coleta, a gente mobiliza assentados e quilombolas, comunidades vulneráveis. E o foco da capacitação em restauração são técnicos de meio ambiente, consultores e produtores rurais”, diz Camila.

A REGENERAÇÃO DAS PASTAGENS

As pastagens ocupam 29% do bioma Cerrado e podem ser destinadas à intensificação sustentável ou à recomposição da vegetação nativa, segundo os pesquisadores da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária).

Um projeto executado pela Embrapa Cenargen (Recursos Genéticos e Biotecnologia) e a Fundação Arthur Bernardes (Funarbe) visou a identificação e espacialização do potencial de regeneração natural, bem como de árvores isoladas, em pastagens cultivadas no Cerrado.

“Nossa pesquisa busca entender como o Cerrado coexiste com as pastagens cultivadas e verificar seu potencial para a biodiversidade”, diz Daniel Luis Mascia Vieira, pesquisador da Embrapa responsável pelo estudo.

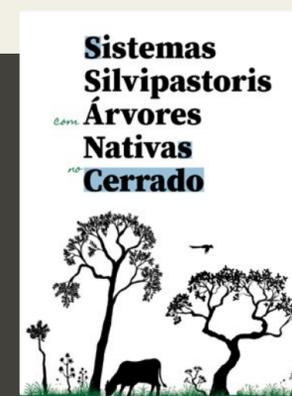
A estimativa do potencial de regeneração natural de pastagens cultivadas no Cerrado pode levar à economia de milhões de reais

por meio da identificação dos custos para a adoção de projetos de restauração.

No mapeamento de árvores isoladas, imagens dos satélites RapidEye estão sendo analisadas para detecção de copas e estimativa da densidade de árvores em pastagens cultivadas distribuídas por todo o bioma.

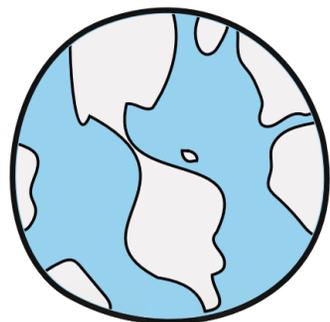
O objetivo é fazer um levantamento de árvores isoladas e avaliar o potencial de regeneração natural em pastagens cultivadas do Cerrado. *“O importante é recuperar as pastagens degradadas, por meio da sua conversão para a agricultura, via sistemas integrados com lavoura e floresta, ou, no caso de zonas marginais, como áreas declivosas e pedregosas, pela restauração”*, diz Vieira. *“O que não se pode é manter as pastagens degradadas.”*

Sistemas
Silvipastoris com
árvores nativas
no Cerrado



ESPÉCIES AMEAÇADAS

7



5%
de todas
espécies no
mundo



30%
das espécies
do País



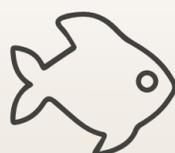
837
espécies
de aves



120
espécies
de répteis



150
espécies
de anfíbios



1.200
espécies
de peixes



90 mil
espécies
de insetos



199
espécies de
mamíferos



12 mil
espécies
para flora

entre samambaias,
angiospermas, briófitas e
gimnospermas

O CERRADO É UMA DAS SAVANAS MAIS RICAS EM BIODIVERSIDADE NO PLANETA

Fonte: Flora do Brasil 2020 em construção, 2020²

O Cerrado abriga mais de 12 mil espécies de plantas nativas catalogadas, além de 199 espécies de mamíferos e 1.200 espécies de peixes. A diversidade de répteis (120 espécies) e anfíbios (150 espécies) também é elevada. Muitas dessas espécies são endêmicas, o que significa que só ocorrem em locais únicos dentro do bioma, e que ao mesmo tempo, estão seriamente ameaçadas pelo desmatamento crescente. O Perfil do Ecossistema do *hotspot* de biodiversidade do Cerrado listou 1.593 espécies terrestres e de água doce classificadas pela União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) como globalmente ameaçadas e consideradas pelas autoridades brasileiras ambientais como ameaçadas em nível nacional, além de peixes raros e espécies de

plantas raras. Há muitas outras espécies para as quais existem dados insuficientes para permitir uma avaliação completa de seu estado.

Para garantir que a estratégia do CEPF Cerrado tenha deixado como legado um impacto significativo sobre a conservação da biodiversidade no *hotspot*, alguns investimentos se concentraram em determinadas espécies e regiões prioritárias, e entre as 1.593 espécies terrestres vulneráveis, foram selecionadas um total de seis (6), pelo seu grau de ameaça, existência de Planos de Ação Nacionais (PANs) e a importância relativa para a conservação da biodiversidade do Cerrado. Essas espécies são:

² Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 19 nov. 2021

FLORA		<i>Uebelmannia buiningii</i> (cacto coroa-de-ita) e <i>Dimorphandra wilsonii</i> (faveiro-de-wilson)
AVES		<i>Columbina cyanopsis</i> (rolinha-do-planalto), <i>Sporophila maximiliani</i> (bicudo) e <i>Mergus octosetaceus</i> (pato-mergulhão)
ANFÍBIO		<i>Pithecopus ayeaye</i> (perereca-macaco)

Entre 2016-2021, os projetos atuaram para melhorar o status de conservação no Cerrado de seis espécies globalmente ameaçadas, além de identificar ações prioritárias nos Planos de Ação Nacionais, relacionadas ao manejo e proteção de seus habitats.

ANFÍBIOS DE VALOR IMENSURÁVEL PARA A CONSERVAÇÃO DO CERRADO

Com apenas 3,5 centímetros, a *Pithecopus ayeaye* tem um valor imensurável para a conservação do Cerrado. Além de suas aplicações medicinais, o minúsculo anfíbio serve como indicador da qualidade da água.

“A gente às vezes vê coisas valiosas bem na frente do nosso nariz e não percebe. Só percebe quando as coisas são perdidas, às vezes tarde demais”, diz o biólogo Reuber Brandão, 49 anos.

Formado pela Universidade Federal de Brasília (UnB) e desde criança apaixonado pelos sapos, Brandão é especialista em herpetofauna e conduz uma pesquisa que envolve quatro espécies do gênero *Pithecopus* endêmicas das terras altas do Cerrado brasileiro (*P. ayeaye*, *P. centralis*, *P. oreades* e *P. megacephalus*).

“Esses bichos, além de carismáticos, são espetaculares e seu desaparecimento é preocupante. Além da relevante importância nas cadeias tróficas, declínios de anfíbios são preocupantes do ponto de vista da saúde humana e têm sido relacionados a surtos de malária na América Central”, diz Brandão.

Segundo ele, os anfíbios possuem na pele um poderoso arsenal químico, que evoluiu para protegê-los da dessecação, dos predadores e de doenças. “Diversas substâncias biologicamente ativas têm sido encontradas nas secreções cutâneas, com diversos usos no desenvolvimento de novos medicamentos, cosméticos e novas tecnologias para as indústrias química e farmacêutica”, diz, acrescentando que já foram identificadas nestas espécies substâncias com potencial para o combate à doença de Chagas e às células tumorais.

As pererecas servem também como alertas para mudanças climáticas e indicador da qualidade da água, como relata o biólogo. “Elas contam uma história evolutiva do Cerrado e nos ajudam a entender como as terras altas do bioma se isolaram

e como isso favoreceu a formação de vários bichos endêmicos. Esses ambientes são ilhas climáticas, com temperatura um pouco mais amena e um pouco mais chuvoso do que as áreas de baixada”, diz.

Brandão explica que a espécie que mais demanda atenção para conservação hoje é a *Pithecopus centralis*, que ocorre na Chapada dos Guimarães e em Barra do Garças, em Mato Grosso. A *Pithecopus ayeaye* está na região do Sul do Espinhaço e na Serra da Canastra, em Minas Gerais. A *Pithecopus oreades* está no Oeste de Minas Gerais, Brasília e Chapada dos Veadeiros, enquanto a *megacephalus* vive no Espinhaço ao Norte e chega até a Bahia.

O trabalho de campo consiste em localizar e acompanhar os animais na natureza. Estas espécies estão nas áreas mais altas do Cerrado e utilizam riachos temporários para reprodução, ambientes muito frágeis e sensíveis à erosão e a deslizamentos.

“A diminuição na quantidade de chuva deve reduzir a quantidade de ambientes reprodutivos para as pererecas, que são aqueles riachinhos temporários que descem a montanha. E a mudança de temperatura também traz riscos à sobrevivência dos anfíbios”, diz Brandão.

Pelos menos 32% das espécies de anfíbios são classificadas como ameaçadas, o grupo mais vulnerável do planeta. O Brasil tem uma rica diversidade de espécies, cerca de 1.100.



Foto: Michel de Aguiar

PATO-MERGULHÃO, O EMBAIXADOR DAS ÁGUAS BRASILEIRAS

Entre as principais ameaças ao pato, Gislaine cita a conversão do Cerrado nativo em agricultura, projetos hidrelétricos e o assoreamento dos rios.

Em 2018, durante o Fórum Mundial da Água, o pato mergulhão foi designado como o embaixador das águas brasileiras. Descrito pela primeira vez em 1817 pelo naturalista e ornitólogo francês Louis Jean Pierre Vieillot, o pato-mergulhão é um dos animais mais emblemáticos e raros do Cerrado.

Em setembro de 2020, o governo de Goiás criou uma unidade de conservação na Chapada dos Veadeiros. O Parque Estadual Águas do Paraíso, com área de 5,6 mil hectares, fica na região das Cataratas do Rio dos Couros, em Alto Paraíso de Goiás.

Águas do Paraíso será a primeira unidade de conservação ambiental do país com modelo compartilhado de gestão entre governo do estado e o município. Uma das espécies do novo parque de Goiás é o pato-mergulhão.

“A região do parque é um local de alimentação e refúgio para o pato. Lá foi localizado o primeiro ninho dessa ave da Chapada e o terceiro ninho conhecido no mundo. Na Chapada vivem cerca de 50 aves das 225 restantes no país”, relata a pesquisadora.

Para saber mais sobre os projetos:

Pithecopus ayeaye

Pato-Mergulhão



Outro parceiro dos cientistas na conservação do Cerrado é o pato-mergulhão, espécie que vem sendo estudada e protegida pelo Instituto Amada Terra de Inclusão Social (IAT) e pelos pesquisadores do [Projeto Pato-Mergulhão - Chapada dos Veadeiros](#).

Criticamente ameaçado, o pato-mergulhão está reduzido a cerca de 225 indivíduos e hoje é considerado endêmico do Cerrado, embora haja registro da ocorrência na Mata Atlântica.

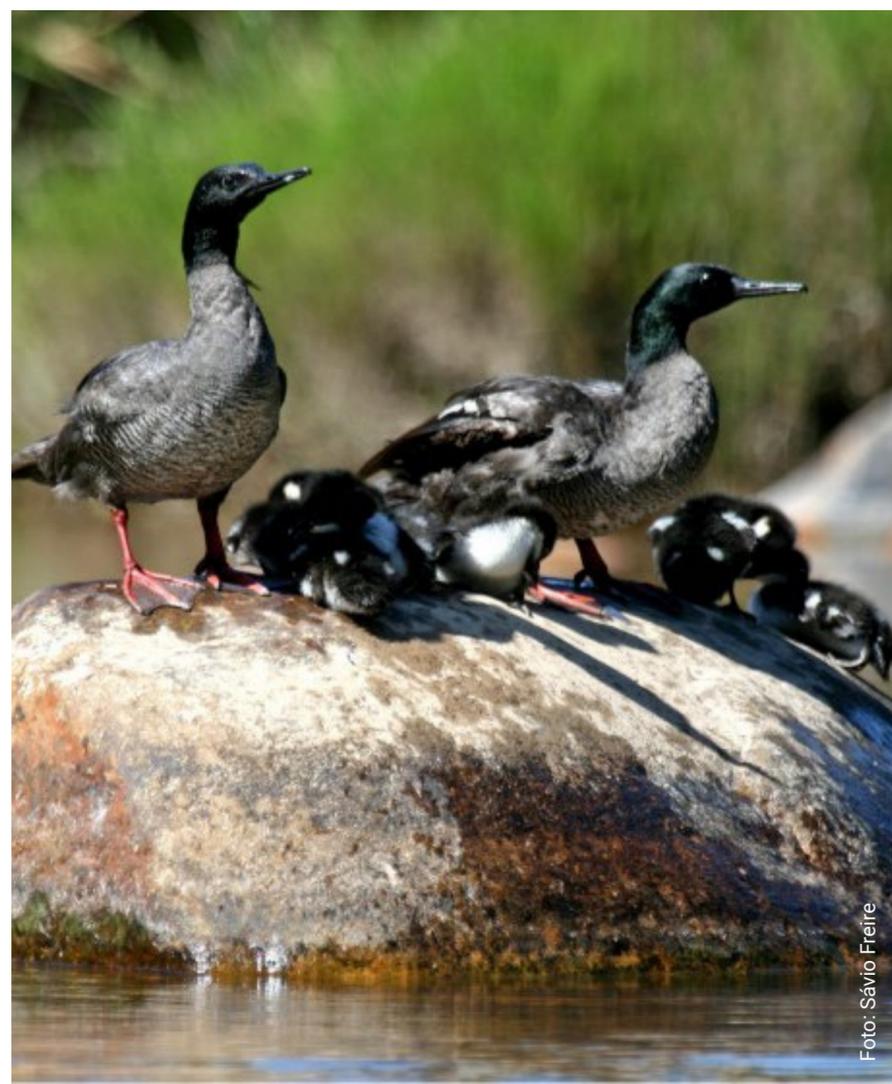
Os pesquisadores querem conhecer as estratégias de uso de habitat adotadas pela espécie no seu ciclo anual e avaliar as alterações provocadas pelos impactos ambientais na reprodução, alimentação e sobrevivência da ave.

O pato-mergulhão depende de águas limpas e transparentes, especialmente dos rios e córregos cercados por matas ciliares, com cachoeiras e piscinas para sobreviver. As aves são exímias nadadoras e têm senso visual acurado. Com bico longo e serrilhado, o pato captura presas vivas ao mergulhar. Ele precisa enxergar a presa para poder pescar e se alimentar de pequenos peixes.

“A ave é afetada por alterações na qualidade das águas. Ela vive em ambientes de águas limpas e transparentes. Ele precisa enxergar a presa para poder pescar”, explica a bióloga Gislaine Disconzi, pesquisadora que conduz o projeto para preservação da espécie.

“É justamente esta característica que torna a espécie um importante bioindicador ambiental. Onde há pato-mergulhão o ecossistema ainda está em equilíbrio”, diz a pesquisadora.

O pato foi extinto em vários estados e hoje existe somente em três localidades do Brasil – em Minas, na Serra da Canastra, em Tocantins, no Jalapão, e na Chapada dos Veadeiros, em Goiás. *“Ele vive geralmente em territórios e em casais. A gente encontra, geralmente, o macho e a fêmea, porque eles são monogâmicos”,* diz Gislaine.



PROCURA-SE O FAVEIRO-DE-WILSON!

Inspirado nos velhos filmes de faroeste, Fernando Fernandes, pesquisador da Sociedade de Amigos da Fundação ZooBotânica de Belo Horizonte, espalhou cartazes com a foto da árvore em bares, lojas, universidades e outros estabelecimentos do interior de Minas Gerais para iniciar, em 2004, uma verdadeira “caçada” ao faveiro-de-wilson, espécie rara, ameaçada de extinção, que existe somente em Minas Gerais na transição do Cerrado para a Mata Atlântica.

O faveiro-de-wilson (*Dimorphandra wilsonii*) era uma espécie completamente anônima até a década de 1960, quando foi descoberta pelo mateiro Wilson Nascimento. Em 1969, a árvore foi descrita pelo pesquisador Carlos Toledo Rizzini, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que batizou a espécie com o nome do mateiro.

No início, eles eram apenas cinco pesquisadores na Fundação, mas em 17 anos de buscas, Fernandes conseguiu mobilizar um exército de admiradores da árvore, desde raizeiros e carvoeiros até fazendeiros e simples curiosos.

“Afixamos cartazes em pontos estratégicos, panfletamos por todos os cantos, abordando as pessoas, perguntando se conheciam a espécie e se poderiam nos ajudar a encontrá-la”, diz o pesquisador.

Por ser tão raro, o faveiro-de-wilson é protegido pelo Decreto Lei 43904/2004 de Minas Gerais. Ela chegou próxima da extinção devido à destruição das matas da região. A maioria delas é encontrada em pastagens, onde tem dificuldade para se reproduzir. Em 2017, a Sociedade de Amigos da Fundação Zoo-Botânica de Belo Horizonte iniciou o projeto **“Manejo e Proteção do faveiro-de-wilson”**. Várias ações foram realizadas - encontros, capacitações e visitas às áreas de ocorrência da espécie, atuando em uma extensão de 5.215 km², onde estão os 18 municípios de ocorrência do faveiro.

“O projeto promoveu o aumento de conhecimento da espécie, a conscientização ambiental e engajamento na defesa do meio ambiente nas comunidades da região”, diz Fernando Fernandes.

Em dezembro de 2020, foram semeadas 3.000 sementes da espécie no Jardim Botânico de Belo Horizonte (MG) e no viveiro Árvores Gerais, em Florestal (MG), visando a produção de mudas para a reintrodução do faveiro em suas áreas de ocorrência.

Cartilha sobre os raros faveiros



EXTRATIVISMO SUSTENTÁVEL



Foto: Bento Viana



Foto: Mário Santos



Foto: TerraMar Filmes/Acervo Copabase

Baru, pequi, macaúba, faveira, copaíba, buriti, babaçu. A rica diversidade de plantas e sabores do Cerrado, até há pouco tempo conhecida apenas regionalmente, está caindo no gosto dos consumidores das grandes cidades.

Empórios e supermercados já oferecem estes frutos nativos, in natura, na forma de sorvetes, geléias, bolos, entre outros produtos, que também estão nos cardápios de alguns restaurantes sofisticados e começam a ganhar mercado no exterior.

Muitos dos frutos do Cerrado são ricos em proteínas, fibras, sais minerais, vitaminas e substâncias antioxidantes, e oferecem uma série de benefícios à saúde.

O crescimento do mercado destas espécies fortaleceu as cadeias produtivas, gerando renda à agricultura familiar, assentados, pequenos agricultores, povos indígenas e populações tradicionais, que se dedicam ao extrativismo e contribuem para a conservação do Cerrado. Com o apoio do CEPF e IEB, as cooperativas do Cerrado tiveram a oportunidade de desenvolver projetos associados ao extrativismo, promovendo a conservação do bioma e o seu desenvolvimento sustentável. A melhor inserção no mercado dos produtos da sociobiodiversidade criaram incentivos econômicos para manter o Cerrado em pé.

Neste tempo de implementação do CEPF no Cerrado, o Fundo conseguiu apoiar nove cooperativas de forma direta e indireta, além de contribuir com o beneficiamento de aproximadamente 600 mil kg de matéria-prima e proporcionar, no total, um incremento de renda de R\$ 420 mil reais para as comunidades locais. Ademais, 219 comunidades locais e indígenas foram capacitadas, e se beneficiaram diretamente do uso sustentável dos recursos naturais e/ou da restauração da conectividade ecológica na escala de paisagem e 30 mercados e cadeias de fornecimento de produtos florestais não-madeireiros sustentáveis foram desenvolvidos e/ou viabilizados com benefício direto para redes ou grupos de mulheres e jovens.

O BURITI E A CONSERVAÇÃO DAS VEREDAS

Em Grão Mogol, a 120 km de Montes Claros (MG), o agricultor Aparecido Alves de Souza, o Cido, 53 anos, tem uma produção bem diversificada em 170 hectares no Assentamento Americano.

Com a ajuda da mulher e do filho, ele planta, feijão, mandioca, milho e cana, além de manter uma pequena criação de gado de leite para a produção de queijo.

Mas é do extrativismo que Cido tira boa parte da sua renda, trabalhando com espécies nativas do Cerrado e da Caatinga, como pequi, buriti, fava d'anta e cagaita.

Cido é um dos 278 associados da **Cooperativa Grande Sertão**, que atua em 30 municípios da região Norte de Minas e atende diretamente mais de 2 mil famílias agroextrativistas em 200 comunidades rurais. A Cooperativa Grande Sertão já desenvolveu diferentes cadeias produtivas tendo como base os produtos regionais nativos ou cultivados em quintais agroecológicos.

Do pequi, árvore símbolo do Cerrado, Cido extrai o caroço, a

polpa e o óleo. A polpa, depois de congelada, é mandada para a cooperativa. O óleo é extraído em uma pequena agroindústria mantida pelos assentados. *“O pessoal usa a polpa principalmente na culinária para preparar o famoso arroz com pequi, prato típico da região. Além disso, a gente trabalha com o pequi em caroço, congelado e embalado a vácuo, e a castanha”.*

José Fábio Soares, engenheiro de alimentos e responsável técnico da Grande Sertão, diz que a missão da cooperativa Grande Sertão é fortalecer a agricultura familiar e o agroextrativismo. A proposta é formar cadeias produtivas dos frutos nativos do Cerrado, buscando conectar as iniciativas produtivas com os canais de mercados e envolver os povos e comunidades tradicionais neste trabalho.

A Grande Sertão conta com a participação de mais de 20 comunidades extrativistas das cadeias produtivas do araticum, murici, cajá, jatobá, pequi, buriti, coquinho azedo, cagaita e outros frutos do Cerrado. O mel, a rapadura e a cachaça também compõem o cardápio da cooperativa, que produz ainda uma cerveja artesanal bastante apreciada, feita a partir do coquinho azedo.

O projeto **“Buriti – geração de renda para jovens e mulheres, conservação das Veredas de Chapadas”** aprimorou a produção extrativista da palmeira, favorecendo a extração e comercialização do óleo do fruto e das raspas. Ao mesmo tempo, contribuiu para a conservação das veredas, ecossistema do Cerrado, onde nasce a palmeira e um importante berço de nascentes e refúgio da fauna silvestre.

O buriti chega a atingir 15 metros de altura e é comum em veredas, nascentes, brejos, rios, riachos e cachoeiras. As mulheres lideram a cadeia do buriti. Elas coletam, extraem o óleo, a polpa, secam e embalam. Com esse projeto, elas passaram a ter autonomia financeira.

Com o crescimento dos negócios com o agroextrativismo, a Grande Sertão conquistou espaço no mercado nacional e internacional. Mulheres e jovens, envolvidos na cadeia produtiva, se tornaram agentes da conservação do Cerrado.

CASTANHA DO BARU

Uma das árvores mais majestosas do Cerrado, o baruzeiro corre risco de extinção, por conta da extração predatória da madeira. O baruzeiro pode alcançar 20 metros de altura e 70 centímetros de diâmetro. Envolvida por uma casca dura, a amêndoa é saborosa e cada vez mais procurada. O fruto possui cerca de 26% de teor de proteínas e pode ser utilizado integralmente, na forma de polpas, óleos, farinha, manteiga e tortas.

Em Arinos, noroeste de Minas Gerais, Nardélio Ernesto Jacinto, 59 anos, tem 44 hectares e trabalha com a mulher, Maria Aparecida Ferreira da Silva, no extrativismo do baru. *“Ele complementa a renda familiar”*, diz Nardélio, que além dos 300 pés nativos de baru e 70 plantados, também mantém um pomar com goiaba e acerola. Ele colhe cerca de 250 a 300 quilos de baru por ano. Mas cada saco de 50 quilos de baru, depois da quebra, rende apenas dois quilos de amêndoa.

Nardélio é associado da **COPABASE**, a Cooperativa de Agricultura

Familiar Sustentável com Base na Economia Solidária, com sede em Arinos, Minas Gerais, e que conta com 100 cooperados. A cooperativa comercializa polpas de frutas do Cerrado e tem como carro-chefe a castanha do baru. A produção chega a 10 toneladas de castanha por ano.

A COPABASE desenvolve o projeto “Práticas Sustentáveis de Produção como Promotoras de Conservação da Biodiversidade no Sertão Urucuiano”. O objetivo é promover a diversificação da produção agroextrativista com manejo sustentável por meio da organização das famílias da bacia do Rio Urucuia, um dos principais afluentes do São Francisco.

Dionete Figueiredo, agricultora e administradora de empresas, atua na cooperativa desde 2008. “Estou na COPABASE desde a sua fundação e antes mesmo da cooperativa nascer, ajudei na articulação das cadeias produtivas. Desde o início, conseguimos

captar recursos para manter o trabalho”, diz

A COPABASE tem agroindústrias para mel, polpas e beneficiamento de baru e trabalha com envasamento dos produtos da agricultura familiar, como farinha de mandioca e açúcar mascavo.

“A gente trabalha há muito tempo com a organização da cadeia e capacitação das famílias para o manejo sustentável das áreas nativas onde o baru é coletado”, conta Dionete.

O baru é um fruto nativo na região, mas na década de 90, o baru foi muito utilizado para fazer carvão. “Aí muito do Cerrado e dos baruzeiros foram cortados para carvão vegetal. Somente a partir de 2005, quando começou um trabalho de organização de cadeias produtivas, o extrativismo se desenvolveu na região”, diz Dionete.

COMÉRCIO JUSTO E SOLIDÁRIO

O Centro de Desenvolvimento Sustentável, da Universidade de Brasília, desenvolveu uma pesquisa para compreender as formas de organização em rede da cadeia produtiva sustentável do baru.

“O objetivo é fomentar o comércio justo e solidário da cadeia, maximizar os retornos socioeconômicos para as comunidades de produtores locais e promover a conservação da biodiversidade e a manutenção dos serviços ecossistêmicos do Cerrado”, diz o professor Frédéric Mertens, um dos coordenadores do projeto.

“Trata-se de um projeto de geração de conhecimentos para apoiar a organização da cadeia produtiva e a sustentabilidade das atividades produtivas no Cerrado”, diz Mertens.

Segundo Mertens, o caminho chave para fortalecer a produção sustentável da cadeia do baru é o fortalecimento da sua organização em rede, com coordenação entre os diversos agentes envolvidos

de modo a atender aos princípios e valores do comércio justo.

“Atualmente, o baru é considerado um produto promissor com grande potencial de venda e cada vez mais apreciado e procurado nos mercados nacional e internacional. A crescente demanda é acompanhada de um aumento de criação de pequenas empresas e negócios locais, bem como de associações e cooperativas”, diz Mertens.

O avanço do agronegócio no Cerrado levou à criação, em 2000, do CEDAC. O Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado, associação sem fins lucrativos, que assessora os processos de organização político-comunitários dos agroextrativistas para construir a Rede de Comercialização Solidária. Com o apoio do CEPF via o projeto “Fortalecer cadeias sociobioprodutivas em rede baseadas no uso sustentável do Cerrado”, o CEDAC fortaleceu o processo de autogestão sustentável dos recursos naturais do Cerrado, por meio da ampliação da organização comunitária em rede de agroextrativistas e seus empreendimentos, consolidando 11 cadeias da sociobiodiversidade.

RECEITAS

BRIGADEIRO DE BARU

Ingredientes

- 1 lata de leite condensado
- 1 colher (sopa) de manteiga
- 2 colheres (sopa) de cacau em pó
- 2 colheres (sopa) baru moído

Como fazer

Em uma panela leve ao fogo o leite condensado, o cacau e a manteiga. Quando a mistura começar a despegar da panela, retire do fogo e acrescente o baru. Deixe esfriar e faça bolinhas de brigadeiro. Passe nas castanhas de baru. Coloque em forminhas e sirva.

Fonte: MEDEIROS, Rita. *Gastronomia do Cerrado*.



ARROZ DE PEQUI

Ingredientes

- 1/4 de xícara de chá de óleo ou banha de porco
- 1/2 litro de pequi lavado
- 2 dentes de alho espremidos
- 1 cebola grande picada
- 2 xícaras de chá de arroz
- 4 xícaras de chá de água quente
- Sal a gosto
- Pimenta de cheiro ou malagueta a gosto
- Salsinha, cebolinha picada a gosto

Como fazer

1. Coloque o pequi no óleo ou gordura fria (se usar o fruto inteiro, não é preciso cortar, mas cuidado com o caroço).
2. Acrescente o alho e a cebola e deixe refogar em fogo baixo, mexendo sempre com uma colher de pau para não grudar na panela, e respingue um pouco de água quando for necessário.
3. Quando o pequi estiver macio e a água secar, acrescente o arroz e deixe fritar um pouco.
4. Junte a água e o sal.
5. Quando o arroz estiver quase pronto, coloque a pimenta de cheiro ou malagueta a gosto.
6. Na hora de servir, polvilhe arroz com salsa e cebolinha e um pouco de pimenta.



POPULAÇÕES TRADICIONAIS E POVOS INDÍGENAS

9



De acordo com o Perfil do Ecossistema do Cerrado, os povos e comunidades tradicionais são oficialmente definidos como sendo grupos culturalmente diferentes que se reconhecem como tal, possuem suas próprias formas de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição. Os povos indígenas não se sentem inteiramente confortáveis inseridos nesta ampla categoria oficial de povos e comunidades tradicionais e agricultores familiares (PCTAFs), especialmente por causa da grande diversidade de identidades étnicas.

Os povos indígenas e populações tradicionais utilizam uma variedade de mecanismos para controlar e gerir seus recursos naturais no Cerrado. As terras indígenas, que são as partes mais intactas do bioma, estão localizadas principalmente nas franjas da Amazônia. Muitos outros tipos de comunidades tradicionais e agricultores familiares estão presentes onde permanece a vegetação nativa, principalmente na porção norte do *hotspot*, e sofrem com a pressão intensa pela expansão das lavouras e pecuária em seus territórios.

Estas populações são a chave para a conservação do ecossistema, uma vez que suas paisagens, ainda que fragmentadas, contêm biodiversidade considerável, sem monoculturas mecanizadas. As maiores áreas intactas de vegetação natural no Cerrado estão em suas 95 terras indígenas, cobrindo 96.000 km², 4,8% do bioma, principalmente para o norte e oeste perto da região da Amazônia e nos 44 territórios quilombolas que cobrem quase 4 mil km², além de outros territórios tradicionais ainda não mapeados e registrados.

O apoio do CEPF conseguiu alcançar as comunidades locais de agricultores familiares, povos indígenas, populações tradicionais e redes da sociedade civil. Durante a elaboração do Perfil do Ecossistema do Cerrado as principais necessidades identificadas por estas partes interessadas foram: o fortalecimento institucional, a capacitação, a infraestrutura e a implementação de ferramentas tecnológicas.

Com a contribuição de nossos parceiros, os projetos promoveram a inclusão de indígenas, quilombolas e populações tradicionais, respeitando e integrando os seus conhecimentos para o planejamento da conservação e restauração do Cerrado, além de potencializar a atuação de lideranças na defesa de seus direitos territoriais e na busca da gestão territorial e da sustentabilidade, através do intercâmbio de experiências, capacitações e da incidência política.

CERRADO: MOSAICO DE POVOS E SABERES

O Cerrado é ocupado por um verdadeiro mosaico de diferentes tipos de povos e usos da terra: agricultores familiares, grandes produtores agrícolas, terras indígenas, territórios quilombolas, agroextrativistas e outros povos tradicionais.

Muitas dessas comunidades não têm a posse assegurada de suas terras nem o reconhecimento formal do governo, ainda que seus direitos estejam protegidos pela Constituição brasileira

e salvaguardados pela Convenção nº 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

“É só tudo”, resume Socorro Teixeira sobre a palmeira do babaçu, uma das lideranças das quebradeiras de coco do Bico do Papagaio, no Norte do Tocantins, divisa com Pará e Maranhão. Com a amêndoa do babaçu, Socorro tira óleo, leite, cocada e sabão. Do coco, ela tira a casca para fazer carvão, e a palmeira, quando cai, vira adubo. A palha cobre a casa, o piso, as paredes. Enfim, tudo se aproveita.

Socorro é uma das personagens do livro “**Saberes dos Povos do Cerrado e Biodiversidade**”, produzido pela Campanha Nacional em Defesa do Cerrado em parceria com a ActionAid, Le Monde Diplomatique Brasil e apoio do CEPF e IEB.

O livro conta histórias do modo de vida e da resistência de povos que habitam o Cerrado em nove Estados do Brasil - indígenas, quilombolas, raizeiras, geraizeiros, apanhadoras de flores sempre-vivas, benzedeadas, retireiros do Araguaia, pescadores artesanais, assentados de reforma agrária e outros viventes do bioma.

Presidenta da Rede Cerrado e da Coordenação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), Socorro e seu grupo têm nos babaçuais o sustento de suas famílias, mas enfrentam o ataque de grileiros e proprietários que derrubam as palmeiras. “*As pessoas não respeitam a luta das quebradeiras de coco por uma árvore que traz o ar puro e o alimento que nos alimenta*”, relata.

A região do Bico do Papagaio, que faz parte da Amazônia Legal, é a área mais crítica de conflitos de terras, segundo o CPT. Conhecida como a “última fronteira agrícola do Brasil”, o Matopiba representa as iniciais dos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. A região abrange 73 milhões de hectares, dos quais 6 milhões de hectares são ocupados por lavouras de soja, arroz e algodão.

O desenvolvimento da última fronteira do agronegócio vem resultando em expulsão de comunidades e povos tradicionais, desmatamento, contaminação da água, extinção de frutos nativos e de sementes crioulas, desaparecimento de tradições, sabedorias e modos de vida. O avanço do agronegócio no Matopiba aumenta a pressão sobre o uso da terra, provocando conflitos não só relativos à terra, mas aos bens naturais como a água, o solo, a fauna e a flora.

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) mostram que o Cerrado brasileiro perdeu 283.366,71 km² no período 2001 e 2019, enquanto na região do Matopiba a perda de vegetação nativa alcançou 125.000 km².

“*A bacaba, o buriti e as áreas de brejo têm sido substituídas pelos monocultivos transgênicos da soja, do algodão, do eucalipto e do milho. Essa substituição do modo de vida tradicional para a produção do agronegócio faz parte de um projeto que impede a manutenção do Cerrado em pé e, assim, dos modos de vida dos povos e comunidades tradicionais*”, relata a pesquisa da ActionAid.

Emmanuel Ponte, coordenador da ActionAid, explica que a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado tem uma pegada socioambiental. “*Ela vai além do ambiental. Não prega o ambientalismo sem gente, mas destaca a dinâmica do direito*

dos povos e comunidades tradicionais. Ela busca a identidade cerradeira entre os povos, para que exista uma luta sistemática de defesa do Cerrado”, diz.

A campanha valoriza a biodiversidade e as culturas dos povos e comunidades do Cerrado, que lutam pela sua conservação. O tema central - “sem Cerrado, sem água, sem vida” - reforça o papel do Cerrado no abastecimento de água no país. Seus objetivos são ao mesmo tempo gerar conhecimento aplicado para apoiar a defesa dos direitos territoriais e da conservação do Cerrado, organizar movimentos e capacitar lideranças locais.

SÍTIO HISTÓRICO E PATRIMÔNIO CULTURAL KALUNGA, O PRIMEIRO TICCA DO BRASIL

Maior comunidade remanescente de quilombo do país, o **Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCK)** abrange 262 mil hectares em três municípios de Goiás, onde vivem cerca de 8.500 pessoas.

É o primeiro território a ser considerado TICCA - Territórios e Áreas Conservados por Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais e Locais - no Brasil, título global concedido pelo Programa Ambiental da ONU (UNEP-WCMC) em 3 de maio de 2021, atribuído a territórios comunitários e tradicionais conservados, nos quais a comunidade tem profunda conexão com o lugar que habita. São os chamados “territórios de vida”, onde processos internos de gestão e governança buscam a conservação da natureza e o bem-estar das suas comunidades.

O SHPCK é organizado em mais de 20 comunidades e 42 localidades, espalhadas pelos municípios goianos de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás. O território é administrado pela Associação Quilombo Kalunga (AQK), que defende os interesses dos seus moradores de conflitos e invasões de terra.

“A partir do momento em que o território foi reconhecido como TICCA, de acordo com os nossos costumes, nossas plantações, nosso jeito de viver, nos ajudou a preservar nosso território”, diz Jorge Moreira de Oliveira, presidente da AQK. A associação promove a gestão territorial, fundamental para o trabalho de conservação, em todas as etapas - revisão do estatuto, mapeamento de recursos naturais e gestão de conflitos na comunidade, visando a garantia da qualidade de vida.

O projeto inclui a elaboração da caracterização geológica, geomorfológica, pedológica, da cobertura e uso do solo, bem como da aptidão agrícola das terras, de forma a propiciar um melhor aproveitamento das potencialidades do território.

Com a participação ativa das comunidades, foi desenvolvido o Sistema de Informações Geográficas no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga em estações de trabalho dotadas de softwares de geoprocessamento e conexão com os principais bancos de dados.

“Ficou tudo mais fácil. Antigamente a gente não tinha regimento interno, não tinha associação, não tinha grupos de pessoas

organizadas para defender o território. Hoje temos regimento interno, temos a associação e vários parceiros que nos ajudam a bater nas portas certas, onde a gente consegue forças para resolver os problemas dentro da lei e dentro de nossos direitos”, diz Jorge.

Para os Kalunga, a terra onde vivem é sinônimo de governança e sustentabilidade, e o reconhecimento como TICCA representou uma valorização local. Povo agrícola, eles praticam plantio de baixo carbono. Os Kalunga utilizam o conhecimento ancestral para plantar no ritmo da natureza, sem o uso de agrotóxicos. Plantam em pequenas roças uma agricultura de subsistência e vendem os excedentes.

Para Jorge, o território Kalunga tem muitas riquezas e belezas que devem ser preservadas. “Nosso território é rico em minérios, mas a gente não quer que entrem maquinários aqui. Por isso, a gente trabalha com turismo, que preserva a nossa terra e traz renda ao povo, além de frutos do Cerrado”, diz.

O projeto desenvolvido pela AQK identificou os atrativos turísticos e definiu os roteiros a serem implantados para aumentar os ganhos das famílias e garantir a sustentabilidade do território.



GESTANDO E PROTEGENDO O TERRITÓRIO PARA AUTONOMIA DO POVO TERENA

Os Terena são um dos povos indígenas mais numerosos do país. Em Mato Grosso do Sul, eles estão localizados em sete terras indígenas, que vão desde a Bacia do Rio Paraguai até a Bacia do Rio Miranda.

O projeto “*Poke’exa ùti: gestando e protegendo nosso território para autonomia do povo Terena*”, desenvolvido em parceria com o **Centro de Trabalho Indigenista (CTI)**, é realizado no Corredor Miranda-Bodoquena, em Mato Grosso do Sul.

O trabalho tem como objetivo habilitar as comunidades das Terras Indígenas Buriti, Cachoeirinha e Taunay-Ipegue para o planejamento de ações capazes de garantir sua participação ativa nos processos relacionados com a gestão de territórios e recursos naturais.

“*Este projeto propõe subsidiar a elaboração dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) destas terras, ocupadas pelo povo Terena em Mato Grosso do Sul. Para isso são realizadas atividades sobre temas diretamente relacionados com a gestão de territórios e recursos naturais, bem como caminhadas de monitoramento territorial e produção de dados georreferenciados*”, diz Carolina Perini de Almeida, antropóloga e assessora técnica do CTI.

Carolina explica que todas as atividades são desenvolvidas em conjunto com Conselho do Povo Terena e envolvem ativamente jovens, mulheres, lideranças e anciãos das comunidades. Os dados de diagnóstico e monitoramento buscam habilitar as comunidades Terena para o planejamento de ações que garantam sua participação na gestão de territórios e recursos naturais.

As três terras (Buriti, Cachoeirinha e Taunay-Ipegue), localizadas na zona de transição entre o Pantanal e o Cerrado, estão em processo de regularização e de demarcação, após terem sido declaradas Terras Indígenas pelo Ministério da Justiça.

“*O projeto foi iniciado em agosto de 2019, quando fizemos algumas viagens a campo e participamos de alguns encontros.*”

“*Estamos falando de uma área bem extensa, que somadas chegam a mais ou menos 44 mil hectares, com uma população de 2.400 famílias. Juntos com o Conselho, entendemos que era importante fazer um processo de mobilização. Não se faz planos de gestão territorial e ambiental sem a participação ativa da comunidade*”, diz Carolina.

Segundo ela, os Terena têm uma política muito complexa. O começo do projeto, então, foi dedicado a reuniões de mobilização e a construir juntos um cronograma de atividades participativas. “*Mas na hora que estávamos indo para a Assembleia, que o Conselho organiza todos os anos e reúne todos os caciques das Terras Indígenas, começou a pandemia do Coronavírus. Isso foi em março de 2020 e nos obrigou a repensar todo o projeto. Não sabíamos àquela altura se a pandemia iria durar só alguns meses ou iria se estender por mais tempo, como de fato está acontecendo*”, explica a antropóloga.

O projeto foi readaptado para apoiar as barreiras sanitárias e o combate à pandemia no território dos Terena. Em julho de 2020 começaram os primeiros casos de Covid entre os indígenas. “*Foi uma situação trágica. Os Terena foram um dos povos indígenas mais afetados pelo vírus, o segundo em número de mortes. Perdemos inclusive pessoas que participavam do projeto. Como não podíamos fazer o trabalho de campo para construção dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental, tivemos que fazer tudo remotamente*”, diz Carolina.

Dessa maneira, as ações do projeto foram reformuladas, a fim de se produzirem materiais audiovisuais de conscientização sobre a pandemia, com uma campanha sobre a Covid-19. Essas ações culminaram na produção do filme “*Ká’arine mêun – O mundo adoeceu*”, uma produção de comunicadores do povo Terena e da Mídia Índia. Além disso, foram feitas entrevistas online com lideranças, aproveitando que os Terena têm bom acesso à Internet e os diagnósticos foram realizados remotamente.

PARA SABER MAIS:

Conselho do Povo Terena:

<https://pt-br.facebook.com/conselhoterena/>

Centro de Trabalho Indigenista:

<https://trabalhoindigenista.org.br/home/>



MÃE TERRA, A RETOMADA

O Corredor Ecológico Miranda-Bodoquena é uma das áreas que sofreu maior devastação. Restaram cerca de 43% de vegetação remanescente. As Terras Indígenas foram as que mais contribuíram para a preservação. “*Se fossem áreas maiores, teríamos mais Cerrado protegido. Se os Terena já tivessem posse da área que eles de fato têm direito, a situação ambiental seria bem melhor*”, diz Carolina.

Ela conta que é interessante observar o processo da recuperação da natureza de algumas áreas ocupadas por fazendeiros durante

muitos anos e retomadas pelos indígenas, depois da regularização fundiária.

“*Nestas três terras indígenas que a gente atua, Cachoeirinha, Buriti e Taunay-Ipegue, têm áreas que já estão de posse dos Terena há mais de 10 anos, depois que foram retomadas. A mudança na paisagem é gritante, com recuperação da vegetação e nascentes rebrotando em lugares que antes estavam secos.*”

Os Terena chamam a retomada de “Mãe Terra” (Enõe Poké’é). A primeira coisa que eles fazem é abrir uma roça para começar a plantar. Não é uma monocultura, mas uma roça agroecológica, que não usa veneno e combina diversos cultivos, que depois de um tempo eles deixam e vira capoeira. A terra não é usada exaustivamente.

O CEPF mede a mudança em compreensão e compromisso com questões de gênero nas organizações com uma ferramenta de rastreamento e auto-avaliação, que pode ser utilizada para entender como o tema foi integrado de forma institucional. Ela consiste em oito perguntas para uma pontuação total possível de 20 (Quadro

1), sendo que a última pergunta não contabiliza para a pontuação. A ferramenta deve ser preenchida duas vezes, no início e ao final do projeto, e todos os beneficiários são orientados a completar a Ferramenta de Rastreamento de Gênero (*Gender Tracking Tool - GTT*)³.

Quadro 1. Oito perguntas que compõem a Ferramenta de Rastreamento de Gênero (*Gender Tracking Tool - GTT*) do CEPF.

1. Sua organização possui uma política escrita que define compromissos com a igualdade de gênero?

2. Há pessoas em sua organização, treinadas em gênero, responsáveis por questões de gênero?

3. Sua organização já capacitou algum membro da equipe em questões de gênero?

4. A análise de gênero é incorporada nos procedimentos de planejamento programático?

5. Sua organização coleta dados sobre segregação de gênero relacionados às pessoas impactadas por seus projetos (Ex: número de homens versus número de mulheres)?

6. Sua organização monitora e avalia como os programas e projetos impactam de forma diferente homens e mulheres?

7. Sua organização aloca recursos financeiros para incorporar gênero em suas atividades?

8. Sua organização gostaria de ser contatada pelo RIT para conhecer mais ou receber capacitação sobre questões de gênero?

O CEPF Cerrado teve a oportunidades de apoiar mulheres de vários grupos (quilombolas, agricultoras familiares, agroextrativistas e líderes de povos e comunidades tradicionais) através de suas lutas e de aumentar seu impacto dentro de suas comunidades.

Há um total de 82 organizações com o GTT concluído e aprovado, onde foi constatado um aumento considerável de 74% (~ 3 pontos) na assimilação e compreensão das questões de gênero e da importância de ter um ambiente diversificado, que influencie a maturidade da organização.

O maior aumento nos GTTs foi concentrado na alavancagem dos recursos financeiros, com um aumento de 111%, para incorporar gênero nas atividades promovidas pelas organizações. Vale ressaltar que houve um aumento de 100% nas questões de treinamento e qualificação dos membros dentro da instituição sobre questões relacionadas a gênero. Um dos objetivos é que esta avaliação permita a estas organizações formular políticas e manuais de governança que reduzam as diferenças e promovam

um ambiente de igualdade e inclusão.

“MULHERES SÃO COMO ÁGUAS, CRESCEM QUANDO SE ENCONTRAM”

A frase está na carta do I Encontro Nacional das Mulheres do Cerrado, realizado em junho de 2019, em Luziânia (GO). Promovido pela **Campanha Nacional em Defesa do Cerrado** e pela organização não-governamental **Ecologia e Ação – ECOA**, foi o primeiro de três encontros que aconteceram em 2019 para fortalecer a organização política das mulheres do bioma, a partir do diálogo sobre vivências, resistências e saberes.

³ Critical Ecosystem Partnership Fund. 2020. Impact Report 2001-2020. 79p. Disponível em: https://www.cepf.net/sites/default/files/cepf_impact_report_2020.pdf. Acesso em 18 de novembro de 2021



As 130 mulheres presentes em Luziânia representaram toda a diversidade do Cerrado - negras, indígenas, quilombolas, feministas, camponesas, assentadas, acampadas, sem-terra, atingidas por barragens e mineração, extrativistas, pescadoras, vazanteiras, LGBTQIA+, trabalhadoras rurais, agricultoras, ribeirinhas, raizeiras, benzedoras, gerazeiras.

“Unidas na nossa diversidade, afirmamos aqui que o Cerrado brasileiro tem cara de mulher! O Cerrado é um mosaico de vidas e biodiversidade. É berço das águas do país e seus campos e florestas são os lugares que nos alimentam. Por isso, participamos da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado por compreender a profunda relação desse bioma com nossos modos de vida”, destaca a Carta.

Outros dois encontros deram voz para as mulheres do Cerrado em 2019. “Mulheres do Pantanal e do Cerrado” reuniu em 2 de julho de 2019, em Campo Grande (MS), 50 participantes na Segunda Plenária da **Rede de Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal – Cerrapan**. Os três eventos fizeram parte da Articulação de Mulheres dos Biomas dos Cerrados e do Pantanal Brasileiros, agenda conduzida pela ECOA em colaboração com a ActionAid, e um grande resultado destes encontros foi a publicação do informe nacional **“Tecendo a Rede de Resistência das Mulheres no Cerrado e Pantanal”** sobre a agenda de gênero e meio ambiente, que entrou para a lista dos 7 destaques globais do Relatório de Impacto do ano de 2019 do CEPF.

Nathalia Eberhardt Ziolkowski, socióloga, pesquisadora da ECOA, conta que foram espaços de troca de vivências. *“As mulheres falaram de suas experiências nos seus territórios. A gente teve 250 mulheres, representando 10 estados. Elas conversaram sobre a sua luta pela sobrevivência nas suas regiões, os modos de vida e os saberes, a importância das mulheres para a conservação ambiental e manutenção dos territórios”, diz.*



Mas a pauta dos encontros, segundo Nathalia, foi além dos problemas do meio ambiente. As mulheres falaram muito sobre as violências. Não apenas às violências domésticas, mas sobre as várias violências que as mulheres sofrem nos seus territórios, em suas comunidades.

A CerraPan é composta por oito grupos de mulheres, organizados socialmente em Comunidades Tradicionais e Populações Locais do Cerrado e do Pantanal. Foi criada em 2015 para fortalecer a articulação coletiva de mulheres que trabalham com os produtos da sociobiodiversidade e processos de manejos artesanais e sustentáveis.

A missão da CerraPan é o empoderamento de mulheres extrativistas, por meio da organização política, social e econômica das comunidades. A CerraPan busca a autonomia das mulheres, a resiliência territorial, a conservação do ambiente e melhoria das condições de vida e trabalho.

Por melhores condições de renda, os grupos de mulheres buscam o aumento do volume de frutos como bocaiúva, pequi laranjinha de pacu e baru e seus derivados, originários do Pantanal e do Cerrado. As mulheres trabalham em cooperação para fortalecer a cadeia produtiva destas espécies nativas.

Em Nioaque (MS), o **CEPPEC - Centro de Pesquisa, Produção e Capacitação do Cerrado** localizado no assentamento Andalucia, trabalha com o baru, com apoio da ECOA.

O baru (ou cumbaru) é um fruto nativo que oferece muitos benefícios à saúde. Trata-se de um legume lenhoso, de cor castanha, com alto valor nutricional. Sua amêndoa pode ser consumida crua ou torrada.

O CEPPEC é um grupo misto, mas no estatuto há um regimento de gênero – 50% mais um de sua diretoria é formada por mulheres. No assentamento há 15 mulheres, mas como eles conseguiram se organizar, hoje contam com 45 famílias colaboradoras na região, que fazem a coleta do baru. “O CEPPEC compra a produção destas famílias”, conta Nathalia.

“A conservação do Cerrado é importante não só para as mulheres, mas para a vida do mundo. Hoje as mulheres são muito importantes para o Cerrado devido a sensibilidade de perceber o quanto nós podemos contribuir, dar sustentabilidade para as nossas famílias e para o ambiente onde nós vivemos”, diz Rosana Claudina da Costa Sampaio, a Preta, agricultora do Assentamento Andalucia e presidente do CEPPEC.



Foto: Gustavo Nunes

As ferramentas tecnológicas geradas pelas organizações da sociedade civil, universidades e institutos de pesquisa estão aprofundando os conhecimentos sobre os recursos naturais do Cerrado e colocando no mapa as comunidades e territórios que estavam “invisíveis”. A ideia da conservação 4.0 parte do conceito da indústria 4.0, onde o termo é utilizado “para caracterizar a utilização do que há de mais moderno para produzir bens de consumo”⁴. No caso da área ambiental, o termo designa o salto tecnológico de ferramentas que estão sendo desenvolvidas para impulsionar a conservação dos recursos naturais e a provisão de serviços ecossistêmicos, assim como garantir direitos territoriais de comunidades locais.

O geoprocessamento, as plataformas *online* e os aplicativos são as ferramentas usadas pelos projetos executados, tanto por pesquisadores das Universidades Federais de Brasília, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Goiás, como por organizações da sociedade civil, como o IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia) e o ISPN (Instituto Sociedade, População e Natureza). Para estimular o avanço e disseminação destas novas tecnologias, que contribuíram não somente para o avanço de pesquisas e levantamento de dados mais acurados sobre o Cerrado, mas também para o desenvolvimento em campo de outros eixos estratégicos do Fundo, O CEPF concedeu aproximadamente 700 mil dólares a projetos que utilizaram o conceito de Conservação 4.0 na prática, como demonstrado abaixo.

COMUNIDADES TRADICIONAIS DO CERRADO NO MAPA

Uma grande parte das comunidades do Cerrado não consta nem sequer nos documentos oficiais. Para suprir a ausência de dados oficiais em uma área de cerca de 32 milhões de hectares, o IPAM e o ISPN construíram em 2020, junto com a Rede Cerrado, populações tradicionais e associações rurais, o aplicativo “*Tô no Mapa*”. O app permite às comunidades tradicionais e agricultores familiares fazer o automapeamento e defender seus territórios.

“*Tô no Mapa*” foi desenvolvido a partir de oficinas participativas de mapeamento realizadas em 55 municípios do Maranhão, Tocantins, norte de Goiás, Piauí e oeste da Bahia, que identificaram 1.244 comunidades fora das demarcações oficiais.

“*O app apoia os direitos territoriais dos povos e comunidades tradicionais do Cerrado que não estão no mapa e, portanto, estão sendo invisibilizados e severamente impactados pela expansão do agronegócio. Estes povos são importantes vetores de conservação do bioma. A defesa de seus territórios representa não só a garantia a vida e a reprodução social dessas comunidades, mas também a preservação de um bioma tão ameaçado quanto o Cerrado*”, diz a geógrafa Ane Alencar, diretora de Ciência do IPAM.

“*O Tô no Mapa*” é uma ferramenta de apoio aos direitos territoriais e fortalecimento das lutas das comunidades do Cerrado. Esses povos vivem lá há várias gerações em total harmonia com as matas, fauna e flora. Possuem conhecimentos profundos sobre o bioma, mas estão ameaçados principalmente por serem inviabilizados sem a garantia dos seus territórios”, diz Isabel.

Segundo a engenheira florestal, o auto mapeamento das comunidades contribui para a conservação do Cerrado. “*Os locais de uso pelas comunidades e os locais de conflitos podem ser mapeadas no aplicativo colaborando para a gestão da comunidade sobre seu próprio território*”, ela explica.

PLATAFORMA DE CONHECIMENTO DO CERRADO

Vários mapas sobre o Cerrado, inclusive aqueles produzidos pelos parceiros do CEPF, vão abastecer o banco de dados do LAPIG (Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento) da Universidade Federal de Goiás. Lançado em novembro de 2020, a Plataforma de Conhecimento do Cerrado foi um projeto apoiado pelo CEPF e que virou um espaço digital interativo com

⁴ Fundação Instituto de Administração (FIA). Indústria 4.0: o que é, consequências, impactos positivos e negativos [Guia Completo]. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/industria-4-0/>. Acesso em 18 de novembro de 2021.

acesso público, que abriga várias informações sobre o bioma.

“A plataforma reúne mapas, imagens de satélite, resultados de projetos desenvolvidos no Cerrado, visando sua conservação, gestão e planejamento”, diz Manuel Ferreira, professor e coordenador geral da Plataforma.

Facilmente acessíveis, os dados são disponibilizados para *download*. A plataforma contém um grande acervo de informações socioambientais, econômicas, ambientais, além de bibliografias, vídeos e fotos.

“Ao organizar uma série de informações geográficas, aspectos físicos, sociais, econômicos e de biodiversidade do bioma Cerrado, ela tem uma capilaridade muito grande com secretarias de Meio Ambiente, ONGs ligadas à conservação, universidades, entre outros usuários”, explica Ferreira.

A Plataforma reúne informações importantes para a gestão do bioma, auxiliando profissionais que captam recursos de fundos nacionais e internacionais, pesquisadores que publicam periódicos científicos, pessoas que propõem leis e políticas públicas. *“É um ambiente rico e propício para gerar uma governança socioambiental mais eficiente do Cerrado”, diz Ferreira.*

Recentemente foi criado um **módulo** na Plataforma para acompanhar áreas de restauração e de recomposição da vegetação nativa. Além de oferecer à sociedade informações confiáveis sobre o bioma Cerrado, a Plataforma valoriza a cooperação e difusão da ciência entre a sociedade em geral e pesquisadores de todo o Brasil e do mundo podem colaborar com dados para o aperfeiçoamento da Plataforma.

É importante ressaltar, que a Plataforma de Conhecimento do Cerrado é a única que integra e compartilha uma variedade de dados e informações específicas do *hotspot* para melhor informar os processos de tomada de decisão, monitoramento e gestão.

PLATAFORMA ALARMES

Utilizando dados de satélites para analisar e quantificar a evolução da área afetada pelo fogo no Cerrado em tempo quase-real, o Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (**LASA-UFRJ**) também usa tecnologia de ponta a favor da conservação. O laboratório atua na área de sensoriamento remoto e predições climáticas.

Renata Libonati, graduada e doutorada em Ciências Geofísicas pela Universidade de Lisboa, especialista em sensoriamento remoto do fogo e climatologista, conta que desde março de 2020 está em funcionamento o protótipo do sistema **ALARMES**, desenvolvido pelo LASA-UFRJ.

“O ALARMES é uma ferramenta de alerta rápido e ágil sobre o avanço da extensão da área afetada pelo fogo no Cerrado. Ela apoia os órgãos ambientais nas ações de planejamento e combate ao fogo”, diz Renata.

O sistema combina imagens de satélites da NASA, focos de calor de inteligência artificial para identificar novas áreas atingidas pelo fogo, monitorando diariamente a localização e extensão das áreas queimadas.

As informações do sistema ALARMES são enviadas aos órgãos

competentes para o planejamento e a realização de ações efetivas e tem se revelado muito útil, tanto ao nível do planejamento, como na gestão dos incêndios.

Ferramentas como a Plataforma Alarmes são essenciais para monitorar o *hotspot*, já que os alertas de incêndios aumentam a cada ano no Cerrado e na Amazônia. Segundo o **WWF-Brasil**, em 2021, o número de focos de incêndio nestes biomas foi o maior desde 2007, ultrapassando maio de 2020, o ano com o maior registro de incêndios em uma década.

RECURSOS HÍDRICOS

O projeto **“Monitoramento da Qualidade em Multiescala na Bacia do Rio São Lourenço”** desenvolvido pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) monitora a bacia do Rio São Lourenço, permitindo a gestão dos recursos hídricos pelas comunidades.

A bacia do Rio São Lourenço abrange cerca de 22.000 km² e é uma das principais formadoras do Pantanal de Mato Grosso, integrando a região hidrográfica do Rio Paraguai. O projeto desenvolveu o aplicativo **Participação Social** para telefones móveis (SIG Participativo) para a divulgação de informações sobre recursos hídricos, com a participação das comunidades que utilizam a água na bacia.

A disponibilização dos dados pelo SIG participativo empodera os grupos sociais e permite sua participação direta no monitoramento das condições da bacia e a gestão dos recursos hídricos.

A bacia hidrográfica atende diferentes comunidades como assentados, agricultores familiares, indígenas e pescadores. Há cerca de 2,8 mil famílias em 38 assentamentos, quase mil indígenas pertencem ao povo Bororo e 150 famílias de pescadores.

RADIS CERRADO

O projeto **“Tecnologias interativas aplicadas à restauração ambiental”** desenvolveu a ferramenta Radis Cerrado, que contribui para a construção de uma gestão ambiental transparente e participativa. O aplicativo foi desenvolvido pelo **Centro de Gestão e Inovação da Agricultura Familiar da Universidade de Brasília** (Cegafi/UnB), com apoio da Secretaria de Meio Ambiente do DF (SEMA/DF), FINATEC, Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), EMBRAPA e Rede Bartô.

Os agricultores de pequeno, médio e grande porte terão no Radis uma possibilidade a mais para monitorar os esforços de restauração. A ferramenta vai ajudar na implementação do Novo Código Florestal.

O objetivo do **Radis Cerrado**, disponível em sistema android, é promover e fortalecer as cadeias produtivas associadas ao uso sustentável dos recursos naturais e a restauração ecológica.

Por meio do aplicativo, é possível realizar a coleta de dados de indicadores ecológicos para o monitoramento da recomposição nativa, conforme normas do Distrito Federal e dados socioprodutivos voltados para pequenos agricultores e populações tradicionais. O projeto também prevê a abertura de portal para sistematização de dados de regularização ambiental.



Foto: Eldeir Miranda

Os dados alarmantes do relatório do IPCC⁵ (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), divulgado em agosto último, reforçam a necessidade de se acelerar as ações para conter a destruição de *hotspots*, como o Cerrado, com a implantação urgente de programas para restauração e conservação dos biomas.

A temperatura do planeta hoje é cerca de 1,09°C maior que a observada no período 1850 a 1900. Segundo os cientistas, as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade estão intimamente interligadas e só serão solucionadas se forem abordadas de forma conjunta.

O novo relatório da ONU sobre mudanças climáticas ressalta que a redução do desmatamento e da degradação florestal podem contribuir para diminuir entre 0,4 e 5,8 gigatoneladas por ano as emissões de dióxido de carbono por atividades humanas.

A restauração ecológica de biomas figura entre as mais baratas, rápidas e necessárias medidas de mitigação a serem implementadas e que podem proporcionar o habitat necessário para fauna e flora, além de aumentar a resiliência da biodiversidade diante da mudança do clima, segundo os cientistas.

Como demonstram os projetos apresentados nesta publicação, a recuperação e conservação do Cerrado gera oportunidades de negócios, cria empregos e renda, beneficiando povos tradicionais e comunidades locais.

Proteger e restaurar o Cerrado requer uma governança socioambiental capaz de gerar harmonia entre a agricultura em

grande escala e os usos agroextrativistas, contribuindo para a superação da pobreza e inclusão social no meio rural.

Para Michael Becker, coordenador do CEPF Cerrado, um dos grandes desafios do Cerrado hoje é o de conter o crescente desmatamento em áreas como o Matopiba, fronteira agrícola que compreende territórios dos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, que vêm se expandindo safra a safra.

“O Cerrado não está vazio. Existem muitos povos tradicionais, que têm direito ao uso de água e da terra e podem trazer benefícios pelo seu conhecimento tradicional”, diz Becker.

As mudanças climáticas comprovam que o agronegócio no Cerrado não será possível se não houver água e cuidados especiais com os recursos naturais. A seca vem se tornando crônica, prejudicando inclusive as lavouras de café e soja. *“Temos que conter a expansão de novas áreas agrícolas, utilizando melhor a terra e aproveitando as pastagens degradadas”, diz Becker.*

O futuro do Cerrado passa por uma diversidade maior na produção, por meio do aproveitamento dos frutos do bioma e da própria paisagem, por meio do agroturismo.

A destruição do Cerrado acentua as desigualdades, à medida que as populações tradicionais são as mais vulneráveis às mudanças climáticas.

Mas os parceiros do CEPF trazem bons exemplos de superação, como a produção sustentável das cooperativas Grande Sertão e COPABASE. É uma agricultura pequena, mas que sabe aproveitar tudo o que o Cerrado lhe dá e que está abrindo mercados inclusive lá fora.

O agroextrativismo tem se consolidado como alternativa de renda, associado ao contexto da agricultura familiar, com aproveitamento econômico dos produtos da sociobiodiversidade.

As projeções para o Cerrado, porém, apontam para a intensificação das estiagens. Mais da metade do Cerrado não existe mais e a descontinuidade das faixas de vegetação natural impedem os poucos corredores de vida para as espécies do bioma. As projeções do IPCC para o Centro-Oeste do Brasil, conforme o Atlas Interativo, consideram que no cenário mais otimista a temperatura avançará 2°C até 2040.

Estudiosos do Cerrado, como a professora Mercedes Bustamante, da Universidade de Brasília, alertam para a urgência do trabalho de expandir as áreas protegidas do bioma.

Ainda há tempo, embora pouco, para conservar e preservar partes importantes do Cerrado, mas isso exige a redução das taxas de desmatamento, a restauração das áreas degradadas (a solução de passivos ambientais) e uma gestão eficiente para reduzir os impactos ambientais e sociais.

⁵ Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). (2021). Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V. P., Zhai, A., Pirani, S. L., Connors, C., Péan, S., Berger, N., Caud, Y., Chen, L., Goldfarb, M. I., Gomis, M., Huang, K., Leitzell, E., Lonnoy, J. B. R., Matthews, T. K., Maycock, T., Waterfield, O., Yelekçi, R., & Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press.

PORTFÓLIO CEPF CERRADO 2016-2021

Selecionado entre os 25 hotspots globais elegíveis para receber financiamento do CEPF, o Cerrado se beneficiou de um investimento de US\$8 milhões do CEPF para projetos de conservação de julho de 2016 a junho de 2021 (posteriormente estendido até março de 2022). Durante este período, o CEPF Cerrado lançou cinco chamadas que apoiaram 61 projetos no bioma.

Os projetos do CEPF no Cerrado são tão diversos como o bioma em si e as estratégias do Fundo. O nosso portfólio de projetos compreendeu quase todo o território, com iniciativas que ocorreram desde o Piauí até o Mato Grosso do Sul.

As organizações parceiras do CEPF implementaram estratégias

de pagamentos por serviços ambientais com produtores de café, projetos para a proteção de espécies ameaçadas e trabalham com populações tradicionais, no incentivo à gestão e bom uso dos recursos naturais em seus territórios.

Um ponto importante para o CEPF foi modelar o portfólio de tal maneira, que interações entre os beneficiários e outros atores do *hotspot* foram reforçadas, possíveis sinergias identificadas e resultados potencializados; em pequena e larga escala.

Todos estes projetos podem ser visitados em: <https://cepfcerrado.iieb.org.br/projetos-que-apoiamos/>



DIREÇÃO ESTRATÉGICA 1:
Promover a adoção das melhores práticas em agricultura nos corredores prioritários

Nome do Projeto	Programa de Investimento no Produtor Consciente
Beneficiários	Consórcio Cerrado das Águas – CCA Fundação de Desenvolvimento do Cerrado Mineiro - FUNDACCER
Site	www.cerradodasaguas.org.br
Responsável técnico	Fabiane Sebaio
Contatos	consorcio@cerradodasaguas.org.br
Municípios	(MG) Patrocínio
Objetivo geral	O objetivo central do PIPC foi estabelecer e implementar uma estratégia para restaurar a prestação de serviços ecossistêmicos na bacia do Córrego Feio a longo prazo, através de um processo de envolvimento efetivo com produtores e atores locais.
Valor de apoio	US\$ 410.068,18

Nome do Projeto	Florestas de Comida no Cerrado
Beneficiários	Instituto Educacional Tiradentes - IET Cooperativa Agropecuária dos Produtores Familiares de Niquelândia – COOPERAGROFAMILIAR
Site	https://institutotiradentes.com.br/ https://coopeag.com.br/
Responsável técnico	Manoel Alves Gomes Júnior
Contatos	mjtiradentes@gmail.com; cooperagro@hotmail.com
Municípios	(GO) Niquelândia
Objetivo geral	Buscar, por meio de um conjunto de atividades articuladas, reconhecer o protagonismo da mulher na dinâmica rural, estimulando o seu reconhecimento como sujeitos/atores políticos na construção da concepção agroecológica, por meio da disseminação do sistema agroflorestal de produção.
Valor de apoio	U\$ 78.950,00

Nome do Projeto	Quintais produtivos, agroecologia e segurança alimentar no Vale do rio Guará – São Desidério-BA
Beneficiários	Execução: Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB Gestão administrativa: Fundação Escola Politécnica da Bahia - FEP
Site	https://ufob.edu.br/
Responsável técnico	Mario Alberto dos Santos
Contatos	naturezageo@gmail.com
Municípios	(BA) São Desidério
Objetivo geral	Apresentar e divulgar tecnologias sociais e práticas sustentáveis para a produção agroecológica de alimentos, para a recuperação, conservação do solo e para o tratamento de resíduos sólidos orgânicos em comunidades tradicionais Geraizeiras no município de São Desidério, região do vale do rio Guará, oeste da Bahia.
Valor de apoio	U\$ 33.281,99

DIREÇÃO ESTRATÉGICA 2:

Apoiar a criação/expansão e a gestão eficaz das áreas protegidas nos corredores prioritários

Foto: Acervo WWF Brasil / Bento Viana

Nome do Projeto	Avaliação e fortalecimento das unidades de conservação municipais do Cerrado
Beneficiários	Ambiental 44 Informação e Projetos em Biodiversidade Ltda.
Site	https://bit.ly/3pfGRJY
Responsável técnico	Luiz Paulo de Souza Pinto
Contatos	cacaucosta2008@gmail.com
Municípios	Influência em todo o <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Avaliar o cenário das unidades de conservação municipais do Cerrado para o fortalecimento das políticas de proteção local da biodiversidade, especialmente nos corredores prioritários desse <i>hotspot</i> .
Valor de apoio	U\$ 44.965,87

Nome do Projeto	Proposta de criação de unidade de conservação no município de Uberaba (MG)
Beneficiários	Associação para a Gestão Socioambiental do Triângulo Mineiro - ANGÁ
Site	www.anga.org.br
Responsável técnico	Gustavo Bernardino Malacco da Silva
Contatos	anga@anga.gov.br
Municípios	(MG) Uberaba
Objetivo geral	Realizar diagnóstico socioambiental na região do Alto Curso das Bacias Hidrográficas dos rios Claro e Uberabinha (Uberaba, MG) que subsidiará, por meio de proposta que foi enviada aos órgãos públicos ambientais competentes, a criação de Unidade de Conservação.
Valor de apoio	U\$ 40.449,57

Nome do Projeto	Poke'ixa ûti: gestando e protegendo nosso território para autonomia do povo Terena
Beneficiários	Centro de Trabalho Indigenista - CTI
Site	www.trabalhoindigenista.org.br
Responsável técnico	Carolina Perini de Almeida
Contatos	contato@trabalhoindigenista.org.br
Municípios	(MS) Miranda; Aquidauana; Dois Irmãos do Buriti; Sidrolândia
Objetivo geral	Este projeto subsidiou a elaboração dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) das terras indígenas Buriti, Cachoeirinha e Taunay-Ipegue, ocupadas pelo povo Terena em Mato Grosso do Sul. Para esse fim foram realizadas atividades sobre temas diretamente relacionados com a gestão de territórios e recursos naturais, bem como campanhas de monitoramento territorial e produção de dados georreferenciados. Todas as atividades foram elaboradas em diálogo com Conselho do Povo Terena e envolveram ativamente jovens, mulheres, lideranças e anciãos das comunidades. Espera-se, assim, o levantamento de dados de diagnóstico e monitoramento que habilitem as comunidades terena para o planejamento de ações que garantam sua participação na gestão de territórios e recursos naturais.
Valor de apoio	U\$ 47.738,69,46

Nome do Projeto	Fronteira Agrícola e Natureza: visões e conflitos no Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba
Beneficiários	Execução: Universidade de Brasília Gestão administrativa: Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos - FINATEC
Site	https://ppgmader.com.br/
Responsáveis técnicos	Sérgio Sauer Karla Oliveira
Contatos	https://observatorio-matopiba.com.br/contato
Municípios	Formosa do Rio Preto (BA); Alto Parnaíba (MA); Gilbués (PI); São Gonçalo do Gurguéia (PI); Barreiras do Piauí (PI); Corrente (PI); Mateiros (TO); São Félix (TO) e Lizarda (TO).
Objetivo geral	Compreender a transformação do território do PARNA das Nascentes do Rio Parnaíba e os conflitos socioambientais estabelecidos a partir do avanço da fronteira agrícola incentivados por ações governamentais e pelo Plano de Desenvolvimento Agrícola MATOPIBA.
Valor de apoio	U\$ 15.855,21

Nome do Projeto	Apoio técnico e desenvolvimento de processo participativo para a formulação da proposta de ampliação da Reserva da Biosfera do Cerrado
Beneficiários	Greentec Tecnologia Ambiental
Site	https://www.facebook.com/GreentecBrasilia/
Responsável técnico	Rogério Henrique Vereza de Azevedo
Contatos	greentec@greentecambiental.com.br
Municípios	Todos inseridas na Reserva da Biosfera do Cerrado
Objetivo geral	Discutir com os principais atores sociais um processo de redefinição de limites para a Reserva da Biosfera do Cerrado, a partir da definição de critérios e conceitos com enfoque na questão geoespacial, e compor um documento técnico a ser submetido junto à UNESCO, para fins de reconhecimento deste esforço.
Valor de apoio	U\$ 10.782,75

Nome do Projeto	Integrando a Comunidade Tradicional do Cajueiro na conservação de áreas protegidas em Januária (MG)
Beneficiários	Instituto Para o Desenvolvimento Social e Ecológico - IDESE
Site	http://www.idese.org/
Responsável técnico	Hélem Fuziel de Abreu
Contatos	comunicacao@idese.org
Municípios	(MG) Januária
Objetivo geral	Integrar as populações tradicionais da Comunidade do Cajueiro (Januária, MG) na conservação da Reserva Particular de Patrimônio Natural Porto Cajueiro (MG) e da Área de Proteção Ambiental (APA) Cochá e Gibão (MG), a partir da implantação e restabelecimento de Modelos Sustentáveis de Produção (MSPs) na APA e no entorno da RPPN, que resultaram em melhoria da segurança alimentar e geração de renda das comunidades, além da recuperação de áreas degradadas na APA e preservação da biodiversidade da Reserva.
Valor de apoio	U\$ 43.320,88

Nome do Projeto	Estudo de Ampliação das Áreas Protegidas no Mosaico Sertão Veredas Peruaçu - Brasil
Beneficiários	Associação Mineira de Defesa do Ambiente – AMDA
Site	https://www.amda.org.br/index.php/projetos/6086-projeto-ampliacao-e-criacao-de-unidades-de-conservacao-no-mosaico-sertao-veredas-peruacu
Responsáveis técnicos	Francisco Mourão Vasconcelos Ravi Fernandes Mariano Luiz Gustavo Nunes Vieira da Silva
Contatos	atendimento@amda.org.br
Municípios	(MG) Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Januária, Itacarambi, Bonito de Minas, São João das Missões e Miravânia.
Objetivo geral	Desenvolver estudos para a ampliação e criação de unidades de conservação no Mosaico Sertão Veredas Peruaçu, através da identificação de áreas com vocação para a conservação de ambientes naturais, situação fundiária, envolvimento de proprietários rurais e das comunidades tradicionais existentes na região, com destaque, a busca de alternativas de áreas protegidas que possam garantir condições para a manutenção e fortalecimento do extrativismo vegetal.
Valor de apoio	U\$ 101.247,15

Nome do Projeto	Uso do geoprocessamento no manejo do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga
Beneficiários	Associação Quilombo Kalunga – AQK
Site	http://quilombokalunga.org.br/povo-kalunga/aqk/
Responsáveis técnicos	Damião Santos Durval Mota
Contatos	aqkalunga@gmail.com
Municípios	(GO) Cavalcante; Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás
Objetivo geral	Implementar a melhoria e a consolidação da gestão ambiental e territorial do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, por meio de SIG como ferramenta para a gestão territorial, bem como o uso sustentável dos recursos naturais, visando garantir a melhoria na qualidade de vida.
Valor de apoio	U\$ 356.288,77

Nome do Projeto	Projeto Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu
Beneficiários	Fundação Pró Natureza - Funatura
Site	http://www.funatura.org.br/
Responsáveis técnicos	Cesar Victor do Espírito Santo Pedro Bruzzi Lion
Contatos	funatura@funatura.org.br
Municípios	Formoso (MG), Arinos (MG), Chapada Gaúcha (MG), Urucuia (MG), Cônego Marinho (MG), Januária (MG), Itacarambi (MG), Bonito de Minas (MG), São João das Missões (MG), Manga (MG), Mambai (GO) e Jaborandi (BA)
Objetivo geral	Promover o fortalecimento da gestão do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu.
Valor de apoio	U\$ 199.819,85

Nome do Projeto	Reservas Privadas no Cerrado
Beneficiários	Fundação Pró Natureza - Funatura
Site	http://www.funatura.org.br/ http://reservasprivadasdocerrado.com.br/
Responsáveis técnicos	Pedro Bruzzi Lion Laércio Machado de Sousa
Contatos	funatura@funatura.org.br
Municípios	Todos no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Através de um forte trabalho de comunicação, social, comunicação e networking ambiental, foram contatadas as organizações e pontos focais nos principais municípios com forte potencial turístico, ecoturismo sustentável e/ou com altos índices de desmatamento nos últimos 10 anos. As KBAs e Corredores Prioritários do CEPF foram, também, um dos principais critérios na escolha das áreas a serem reconhecidas como RPPNs, porém foram feitos esforços no Cerrado como um todo, tendo em vista a dificuldade de convencimento de proprietários para a criação de RPPNs. Dessa forma, foram incentivadas a criação de áreas protegidas privadas (RPPNs).
Valor de apoio	U\$ 262.980,24

Nome do Projeto	Fortalecimento da Gestão Territorial Integral Nas Áreas Especialmente Protegidas do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu
Beneficiários	Fundo Mundial para a Natureza – WWF Brasil
Site	https://www.wwf.org.br/
Responsável técnico	Kolbe Soares Santos
Contatos	comunicacao@wwf.org.br
Municípios	(MG) Arinos, Formoso, Chapada Gaúcha, Urucuia, Januária, Bonito de Minas, Cônego Marinho, Miravânia, Manga, São João das Missões, Itacarambi e (BA) Cocos.
Objetivo geral	Atuar na integração e fortalecimento da gestão das áreas especialmente protegidas do MSVP.
Valor de apoio	U\$ 187.000,00

Nome do Projeto	Criação e Implementação Integrada de Reservas Privadas Federais na Região da Chapada dos Veadeiros
Beneficiários	Instituto Oca Brasil
Site	https://www.ocabrasil.org/
Responsável técnico	Andreza Girardi
Contatos	diretoria@ocabrasil.org; instituto@ocabrasil.org
Municípios	(GO) Alto Paraíso; Nova Roma; Cavalcante; São João D'Aliança; Colinas e Teresina de Goiás
Objetivo geral	Fomentar a criação de novas RPPNs e apoiar a implementação das RPPNs existentes no Corredor Veadeiros – Pouso Alto – Kalunga.
Valor de apoio	U\$ 121.545,99

DIREÇÃO ESTRATÉGICA 3:

Promover e fortalecer as cadeias produtivas associadas ao uso sustentável dos recursos naturais e à restauração ecológica

Foto: Dudu Coladetti / Acaervo RSC

Nome do Projeto	Viveiro de mudas para produção agroflorestal na Aldeia Brejão
Beneficiários	Associação Hanaiti Yomomo - AHY
Site	https://www.facebook.com/ahybrejao.yomomo.7
Responsável técnico	Alexandro da Silva Souza
Contatos	https://www.facebook.com/ahy.aldeiabrejao/
Municípios	Nioaque (MS)
Objetivo geral	Incluir indígenas no processo de desenvolvimento da comunidade, visando a garantia de uma alternativa sustentável na segurança alimentar, o uso de novas tecnologias sociais, uso sustentável do solo e de espécies vegetais do Cerrado, assim como a agregação de valor e geração de renda por meios de produtos agrícolas e extrativistas.
Valor de apoio	U\$ 18.080,64

Nome do Projeto	Buriti: geração de renda para jovens e mulheres, conservação das veredas e chapadas
Beneficiários	Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas Grande Sertão Ltda
Site	https://cooperativagrandesertao.com.br/
Responsável técnico	José Fabio Soares
Contatos	cooperativagrandesertao@gmail.com
Municípios	(MG) Januária; São João das Missões; Cônego Marinho e Bonito de Minas
Objetivo geral	Fortalecer as ações de conservação dos recursos naturais associados à geração de trabalho e renda junto aos povos e comunidades tradicionais do norte de Minas Gerais, em especial jovens e mulheres que com frequência tomam frente nos trabalhos que envolvem o agroextrativismo e o beneficiamento dos produtos.
Valor de apoio	U\$ 20.155,68

Nome do Projeto	Fortalecer a biodiversidade do Cerrado nas áreas de reforma agrária
Beneficiários	Cooperativa de Trabalho e Serviços Técnicos - COOSERT
Site	pt-br.facebook.com/coosert.cooperativa
Responsável técnico	José Bernardo Santos da Silva
Contatos	coosert@yahoo.com.br
Municípios	(MA) Caxias
Objetivo geral	Replanejar as atividades produtivas dentro de princípios da agricultura de base ecológica, para que se proporcionem ações de recuperação dos solos e recursos hídricos, bem como a recomposição de Áreas de Reserva Legal e Preservação Permanente em dois assentamentos da reforma agrária (PA Buriti do Meio e PA Engenho D'Água, no município de Caxias, Maranhão).
Valor de apoio	U\$ 19.055,60

Nome do Projeto	Corredor Miranda-Bodoquena: preenchendo lacunas socioambientais
Beneficiários	ECO A – Ecologia e Ação
Site	http://riosvivos.org.br/
Responsáveis técnicos	Rafael Morais Chiaravalloti Nathalia Eberhardt Ziolkowski
Contatos	ecoacomunic@riosvivos.org.br
Municípios	(MS) Miranda, Nioaque
Objetivo geral	Auxiliar a revegetação e conservação do Cerrado através do fortalecimento do extrativismo não madeireiro por comunidades e assentados do Mato Grosso do Sul – corredor Miranda-Bodoquena.
Valor de apoio	U\$ 35.696,29

Nome do Projeto	Mapeamento de árvores isoladas e do potencial de regeneração natural em pastagens cultivadas do Cerrado
Beneficiários	Execução: EMBRAPA Recursos Genéticos e Biotecnologia - Cenargen Gestão administrativa: Fundação Arthur Bernardes – FUNARBE
Site	https://www.embrapa.br
Responsável técnico	Daniel Luis Mascia Vieira
Contatos	https://www.embrapa.br/fale-conosco/sac/
Municípios	Todos os municípios na extensão do bioma.
Objetivo geral	Identificar e espacializar o potencial de regeneração natural, bem como de árvores isoladas, em pastagens cultivadas no bioma Cerrado. A partir dos resultados obtidos, informar políticas públicas sobre priorização de áreas para restauração e pagamentos por serviços ambientais ou certificação ambiental de pastagens que conservam árvores do Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 49.188,01

Nome do Projeto	Capacitação em restauração ecológica do Cerrado: diagnóstico, métodos e monitoramento
Beneficiários	Rede de Sementes do Cerrado
Site	http://www.rsc.org.br/
Responsável técnico	Camila Motta
Contatos	diretoria@rsc.org.br
Municípios	Todos os estados do Cerrado e seus respectivos municípios.
Objetivo geral	Capacitar os gestores dos projetos apoiados pelo CEPF nas ações de restauração, além de demais envolvidos no processo de restauração, sobre o diagnóstico de áreas degradadas, planejamento da restauração, técnicas de restauração e monitoramento dos resultados da restauração.
Valor de apoio	U\$ 20.171,41

Nome do Projeto	Estudo de redes colaborativas: fortalecimento da cadeia produtiva sustentável do baru para o desenvolvimento social e econômico das comunidades locais e a conservação do Cerrado
Organização	Gestão administrativa: Working – Associação de Integração Profissional Execução: Centro de Desenvolvimento Sustentável – Universidade de Brasília Comunicação: Cajuí Comunicação Digital
Site	http://cds.unb.br/
Responsáveis técnicos	Frédéric Mertens Andrés Burgos
Contatos	cerrado@iieb.org.br
Municípios	Municípios que fazem parte da proposta de Corredor extrativista, nos estados de Goiás e Minas Gerais, com pequenas áreas de influência na Bahia e Tocantins
Objetivo geral	Compreender as formas de organização em rede da cadeia produtiva sustentável do baru, no intuito de fomentar o comércio justo e solidário da cadeia, maximizar os retornos socioeconômicos para as comunidades de produtores locais e promover a conservação da biodiversidade e a manutenção dos serviços ecossistêmicos do Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 35.284,93

Nome do Projeto	Agrofloresta prestadora de serviços ecossistêmicos
Beneficiário	Associação Rede Rio São Bartolomeu de Mútua Cooperação – Rede Bartô
Site	https://www.facebook.com/redebartonascomunidades/
Responsável técnico	Fabício Lima da Silva
Contatos	redebartonascomunidades@gmail.com
Municípios	(DF) Brasília
Objetivo geral	Beneficiar comunidades de agricultores familiares que se encontram no bioma Cerrado, no RIDE Brasília e fazem parte de uma área chave para a biodiversidade.
Valor de apoio	U\$ 293.389,38

Nome do Projeto	Mirador-Mesas: corredor extrativista sustentável
Beneficiário	Central do Cerrado
Site	https://www.centraldocerrado.org.br/
Responsável técnico	Mayk Arruda
Contatos	centraldocerrado@centraldocerrado.org.br
Municípios	(MA) Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, São Luís Gonzaga do Maranhão, Bacabal, Codó, Caxias, Esperantinópolis, Santo Antônio dos Lopes, Capinzal do Norte, Coroatá, Trizidela do Vale, Pedreiras, Lima Campos, Imperatriz, João Lisboa, (TO) Axixá do Tocantins, Augustinópolis, São Miguel do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins.
Objetivo geral	Reunir organizações que atuam na cadeia de babaçu para a criação formal do Consórcio Babaçu Livre, que terá o potencial de desenvolver e multiplicar a capacidade de uso sustentável dos babaçuais, oferecendo formação técnica em boas práticas de manejo em áreas conservadas dos estados do Tocantins e do Maranhão, além de facilitar a produção, comercialização e gestão dos produtos.
Valor de apoio	U\$ 97.731,00

Nome do Projeto	Fortalecer cadeias sociobioprodutivas em rede baseadas no uso sustentável do Cerrado
Beneficiário	Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado - CEDAC
Site	https://www.facebook.com/CEDACCERRADO/
Responsável técnico	Alessandra Karla da Silva
Contatos	comercial@emporiodocerrado.org.br
Municípios	(GO) São Domingos, Guarani, Mambaí, Damianópolis, Formosa, Flores de Goiás, Sítio D'Abadia
Objetivo geral	Fortalecer o processo de autogestão sustentável dos recursos naturais do Cerrado, por meio da ampliação da organização político-comunitária em rede dos agroextrativistas do Cerrado e seus empreendimentos agroextrativistas, consolidando 11 cadeias da sociobiodiversidade.
Valor de apoio	U\$ 164.050,29

Nome do Projeto	Implementação das Cotas de Reserva Ambiental (CRA) no Maranhão e oportunidades no Tocantins e Bahia
Beneficiário	Conservation Strategy Fund / Conservação Estratégica - CSF
Site	https://www.conservation-strategy.org/
Responsável técnico	Pedro Gasparinetti Vasconcelos
Contatos	https://www.conservation-strategy.org/contact
Municípios	Toda a extensão dos estados do Maranhão, Bahia e Tocantins
Objetivo geral	Ajudar os estados a desenvolverem e lançarem a implementação de um Programa de Cota de Reserva Ambiental.
Valor de apoio	U\$ 104.103,03

Nome do Projeto	Práticas sustentáveis de produção como promotoras de conservação da biodiversidade no Sertão Urucuiano
Beneficiário	Cooperativa de Agricultura Familiar Sustentável com Base na Economia Solidária - COPABASE
Site	https://www.copabase.org/
Responsável técnico	Dionete Figueiredo Barboza
Contatos	comercialcopabase@gmail.com
Municípios	(MG) Arinos; Riachinho; Bonfinópolis de Minas; Urucuia; Chapada Gaúcha; Uruana de Minas; Natalândia e Pintópolis
Objetivo geral	Promover à diversificação da produção agroextrativista com manejo sustentável por meio da estruturação coletiva das famílias dentro da Cooperativa de Agricultura Familiar Sustentável com Base na Economia Solidária – COPABASE, abrangendo a região da bacia do Rio Urucuia, um dos principais afluentes do São Francisco.
Valor de apoio	U\$ 257.455,85

Nome do Projeto	Tecnologias interativas aplicadas à restauração ambiental no Cerrado - RADIS Cerrado
Beneficiário	Gestão administrativa: Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos - FINATEC Execução: Universidade de Brasília
Site	www.cegafiunb.com/cepf
Responsável técnico	Mario Lucio de Ávila
Contatos	unb.cegafi@gmail.com
Municípios	(DF) Brasília
Objetivo geral	Apoiar os processos de recomposição da vegetação e regularização ambiental, com o desenvolvimento de sistemas de coleta e sistematização de dados de monitoramento da vegetação, alinhadas às normas e regulamentações dos PRAs. O uso de ferramentas web, integrando diferentes funcionalidades, poderá auxiliar no processo de adesão ao Programa de Regularização Ambiental (PRA) e monitoramento de processos e resultados da restauração.
Valor de apoio	U\$ 72.347,00

Nome do Projeto	Municípios sustentáveis: protegendo o berço das águas do Cerrado e as cabeceiras do Pantanal
Beneficiário	Fundo Mundial para a Natureza – WWF Brasil
Site	https://www.wwf.org.br/
Responsável técnico	Don Eaton
Contatos	comunicacao@wwf.org.br
Municípios	(MS) Corguinho, Rio Negro e Rochedo
Objetivo geral	Promover as cadeias produtivas ambientalmente e socialmente responsáveis nos municípios rurais do Cerrado que formam as cabeceiras do Pantanal, de maneira a garantir a conservação e a restauração da região, contribuindo para geração de renda, o fortalecimento da economia local e a manutenção dos serviços ambientais essenciais para áreas de produção, comunidades rurais e biodiversidade regional.
Valor de apoio	U\$ 288.793,16

Nome do Projeto	Consórcio Cerrado das Águas: uma rede de provisionamento de serviços ecossistêmicos e sustentabilidade agrícola
Beneficiário	Imaflora - Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola
Site	http://www.imaflora.org/
Responsável técnico	Eduardo Trevisan Gonçalves
Contatos	imaflora@imaflora.org
Municípios	64 municípios
Objetivo geral	Influenciar a criação de políticas públicas que promovam a conservação e restauração dos ecossistemas do Cerrado, melhorando a sustentabilidade das cadeias de abastecimento agrícola.
Valor de apoio	U\$ 193.035,00

Nome do Projeto	Mercado de Sementes e Restauração Provendo Serviços Ambientais e Biodiversidade
Beneficiário	Rede de Sementes do Cerrado
Site	http://www.rsc.org.br/
Responsável técnico	Camila Motta
Contatos	contato@rsc.org.br
Municípios	(GO) Alto Paraíso, Cavalcante, Mambaí e em todo o Distrito Federal.
Objetivo geral	Atuar nos principais elos da cadeia de produção de sementes nativas: os coletores de sementes, os diversos tipos de compradores de sementes e a interligação entre estes atores.
Valor de apoio	U\$ 283.231,69



DIREÇÃO ESTRATÉGICA 4: Apoiar a proteção das espécies ameaçadas

Nome do Projeto	Conservação de <i>Pithecopus ayeaye</i>, espécies relacionadas e seus ecossistemas
Beneficiários	Gestão financeira: Instituto Araguaia – IA Execução: Laboratório de Fauna e Unidades de Conservação – LAFUC/ Universidade de Brasília
Site	https://www.lafuc.com/
Responsável técnico	Reuber Albuquerque Brandão
Contatos	http://www.evl.unb.br/index.php/laboratorios/fauna-e-unidades-de-conservacao
Municípios	(SP): Pedregulho. (MG): Ouro Preto, Nova Lima, Caeté, Illicínea, Guapé, Campestre, Caldas, Poços de Caldas, Alpinópolis, São José da Barra, Passos, São Roque de Minas, Araxá, Sacramento, Ibiraci, Luz, Lavras, São João Del Rey, Arantina, Cristais, Claraval, Machado, Andradas, Formoso, Jaboticatubas, Patrocínio e Luz. (GO): Alto Paraíso, Alvorada do Norte, São João da Aliança, Pirenópolis, Caldas Novas, Cabeceiras, Cavalcante, Minaçu, Cristalina, Nova Roma, Catalão e Caiapônia. (MT): Chapada dos Guimarães, Juinhã, Nova Xavantina, Barra do Garça, Vale dos Sonhos, Juscimeira, Primavera do Leste e Vila Paredão. (BA): Anagé, Igaporã, Tanque Novo e Jacaraci. (DF): Brasília. (TO): Natividade e Novo Jardim
Objetivo geral	Apoiar a proteção das espécies de anuros ameaçados e endêmicos do <i>hotspot</i> Cerrado <i>Pithecopus ayeaye</i> , <i>P. centralis</i> , <i>P. megacephala</i> e <i>P. oreades</i> .
Valor de apoio	US\$ 46.296,00

Nome do Projeto	Reintrodução do bicudo em áreas-chave para a conservação do Cerrado
Beneficiário	Instituto Ariramba de Conservação da Natureza
Site	https://www.projeticudo.com/
Responsável técnico	Flávio Kulaif Ubaid
Contatos	https://www.facebook.com/projetobicudo/
Municípios	Cocos (BA); Chapada Gaúcha (MG); Formoso (MG); Arinos (MG); Januária (MG); Borebi (SP) e Lençóis Paulista (SP)
Objetivo geral	Reestabelecer populações de bicudo (<i>Sporophila maximiliani</i>) em áreas onde já se encontra extinto e produzir conhecimento sobre a espécie.
Valor de apoio	US\$ 27.061,25

Nome do Projeto	Uma abordagem integrativa para o avanço da conservação da biodiversidade de espécies ameaçadas do Cerrado brasileiro
Beneficiários	Instituto Claravis IUCN SSC Centro de Sobrevivência de Espécies Brasil
Site	http://institutoclaravis.org/ https://cssbrazil.org/
Responsável técnico	Fabiana Lopes Rocha
Contatos	csebrasil.contato@gmail.com
Municípios	Fauna: Cobertura nacional. Flora: (MG) Lagoa Santa, Grão Mogol, Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar, Itambé do Mato Dentro, São Gonçalo do Rio Preto, Buenópolis e Joaquim Felício
Objetivo geral	Construir capacidade para aplicação das ferramentas da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) no Brasil e melhorar a integração com estratégias internacionais, enquanto avançamos na gestão dos recursos naturais do país, com destaque para o Cerrado, utilizando três ferramentas estratégicas para conservação: as avaliações de risco de extinção (lista vermelha), os Planos de Ação Nacionais e o protocolo Estado Verde da IUCN.
Valor de apoio	U\$ 100.908,49

Nome do Projeto	Ecologia e recuperação de <i>Uebelmannia buiningii</i> Donald (Cactaceae)
Beneficiário	Instituto Jurumi para Conservação da Natureza - IJCN
Site	https://www.institutojurumi.org.br/
Responsável técnico	Suelma Ribeiro Silva
Contatos	mensagem@institutojurumi.org.br
Municípios	(MG) Itamarandiba
Objetivo geral	Propor um plano de recuperação para <i>Uebelmannia buiningii</i> na Serra Negra, na Cadeia do Espinhaço de Minas Gerais baseado em estudos ecológicos robustos, que permitam o conhecimento do impacto do distúrbio antrópico e natural sobre <i>U. buiningii</i> e a identificação dos estágios da história de vida mais críticos, para se entender a viabilidade da população a longo prazo.
Valor de apoio	U\$ 36.739,42

Nome do Projeto	Manejo e proteção do faveiro-de-wilson (<i>Dimorphandra wilsonii</i>)
Beneficiário	Sociedade de Amigos da Fundação ZooBotânica de Belo Horizonte
Site	http://www.amigosdazoobotanica.com.br/
Responsável técnico	Fernando Moreira Fernandes
Contatos	faveirodewilson@gmail.com
Municípios	(MG) Paraopeba; Sete Lagoas; Matozinhos; Lagoa Santa; Inhaúmas; Esmeraldas; Fortuna de Minas; São José da Varginha; Perdígão; Pequi; Juatuba e Maravilhas
Objetivo geral	Aumentar a proteção ao faveiro-de-wilson e ao seu habitat por meio da implementação de ações do seu Plano de Ação Nacional.
Valor de apoio	U\$ 18.633,30

Nome do Projeto	Salvando a rolinha-do-planalto (<i>Columbina cyanopis</i>) e seu habitat único no Cerrado
Beneficiário	Associação para a Conservação das Aves do Brasil – SAVE Brasil
Site	http://www.savebrasil.org.br/
Responsáveis técnicos	Pedro F. Develey Albert Gallon de Aguiar
Contatos	aves@savebrasil.org.br
Municípios	(MG) Botumirim
Objetivo geral	Promover a conservação a longo prazo do Cerrado na área de redescoberta da rolinha-do-planalto (<i>Columbina cyanopis</i>), com especial atenção à proteção desta espécie, criticamente ameaçada de extinção.
Valor de apoio	U\$ 122.133,38

Nome do Projeto	Evitando a extinção do pato-mergulhão no Corredor Veadeiros - Pouso Alto - Kalungas, Chapada dos Veadeiros, Brasil
Beneficiários	Gestão administrativa: Instituto Amada Terra de Inclusão Social – IAT Execução: Projeto Pato-mergulhão - Chapada dos Veadeiros
Site	https://mergusforever.com.br/
Responsável técnico	Gislaine M.S. Disconzi
Contatos	projetomerguscv@gmail.com
Municípios	(GO) Alto Paraíso de Goiás; Cavalcante; Colinas do Sul; São João D'Aliança e Teresina de Goiás
Objetivo geral	Propor ações para evitar a extinção do pato-mergulhão no Corredor Veadeiros - Pouso Alto - Kalungas, na Chapada dos Veadeiros, Goiás, a fim de avaliar e quantificar a influência do processo de dispersão sobre a escolha dos habitats utilizados pela espécie criticamente ameaçada.
Valor de apoio	U\$ 206.832,18



Nome do Projeto	Pesquisa e desenvolvimento para geração de sistema de alerta diário de áreas queimadas para o Cerrado
Beneficiários	Gestão financeira: Fundação COPPETEC Execução: Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LASA-UFRJ)
Site	https://lasa.ufrj.br/alarmes/
Responsável técnico	Renata Libonati
Contatos	lasa@igeo.ufrj.br
Municípios	Atuação em todo o <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Utilizar dados de satélites para analisar e quantificar a evolução da área afetada pelo fogo no Cerrado em tempo quase-real.
Valor de apoio	U\$ 39.059,67

Nome do Projeto	Mapeamento de recursos hídricos do corredor da Chapada dos Guimarães
Beneficiários	Gestão financeira: Fundação de Apoio e Desenvolvimento da UFMT - UNISELVA Execução: Laboratório de Sensoriamento Remoto e Geotecnologias -UFMT
Site	http://www1.ufmt.br/ufmt/un/labsensor
Responsável técnico	Gustavo Manzon Nunes
Contatos	cerrado@iieb.org.br
Municípios	(MT) Acorizal; Chapada dos Guimarães; Cuiabá; Jangada; Nossa Senhora do Livramento; Poconé; Santo Antônio do Leveger e Várzea Grande
Objetivo geral	Mapear, identificar, diferenciar e diagnosticar os recursos hídricos e áreas úmidas (Veredas, Campos Úmidos, Brejos e Florestas Ripárias) existentes em 3 KBAs do Corredor da Chapada dos Guimarães, que servirão de apoio para gestão e na tomada de decisões junto ao ICMBio e órgãos ambientais envolvidos.
Valor de apoio	U\$ 43.298,30

Nome do Projeto	Monitoramento em multiescala da qualidade da água da bacia do rio São Lourenço
Beneficiários	Gestão administrativa: Fundação de Apoio e Desenvolvimento da UFMT - UNISELVA Execução: Departamento de Geografia - GEO-UFMT
Site	http://www.geografiaufmt.com.br/index.php/pt-br/ http://www.fundacaouniselva.org.br/novoSite/
Responsáveis técnicos	Emerson Soares dos Santos Peter Zeilhofer
Contatos	https://ufmt.br/curso/geografiacba/pagina/contatos/4832
Municípios	Municípios da bacia do Rio São Lourenço
Objetivo geral	Subsidiar diretamente metas prioritárias de curto prazo e médio/longo prazo, como apresentadas no Plano de Recursos Hídricos do rio Paraguai, através do monitoramento da qualidade de água e sedimentos, em conjunto com modelagens hidrológicas, interação com os grupos sociais e o desenvolvimento e divulgação de um SIG participativo.
Valor de apoio	U\$ 186.648,00

Nome do Projeto	Plataforma de Conhecimento do Cerrado
Beneficiários	Gestão administrativa: Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Goiás - FUNAPE Execução: Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento da Universidade Federal de Goiás - LAPIG/UFG
Site	https://cepf.lapig.iesa.ufg.br/#/
Responsáveis técnicos	Manuel Eduardo Ferreira Elaine Silva
Contatos	lapig.cepf@gmail.com
Municípios	Abrange 1.389 municípios, envolvendo a totalidade do Distrito Federal e Grande parte dos estados de Goiás (97%), Maranhão (65%), Mato Grosso do Sul (61%), Minas Gerais (57%) e Tocantins (91%), além de porções menores de outros estados, Mato Grosso (40%), Piauí (37%), São Paulo (33%), Bahia (27%), Paraná (2%) e Rondônia (0,2%)
Objetivo geral	Compartilhar dados, informações e conhecimento entre as várias partes interessadas no bioma, direta e indiretamente relacionadas ao projeto CEPF Cerrado e empoderar a sociedade civil por meio de informações confiáveis e ferramentas de monitoramento dos ecossistemas do Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 138.001,25

Nome do Projeto	Mapeamento de Comunidades Tradicionais "Invisíveis" para apoiar a conservação do Cerrado no Brasil
Beneficiário	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – IPAM
Site	https://ipam.org.br/pt/ https://tonomapa.org.br/
Responsáveis técnicos	Ane Auxiliadora Costa Alencar Isabel de Castro Silva
Contatos	https://ipam.org.br/fale-conosco/
Municípios	Todos os municípios dos corredores prioritários.
Objetivo geral	Identificar e mapear áreas de relevância social e ambiental para a conservação do Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 300.000,00



Foto: Durval Mota / Acervo AOK

DIREÇÃO ESTRATÉGICA 6:

Fortalecer a capacidade das organizações da sociedade civil para promover a melhor gestão dos territórios e dos recursos naturais e para apoiar outras prioridades de investimentos

Nome do Projeto	Comunicação CEPF Cerrado
Beneficiário	Agência Fato Relevante
Site	https://agenciafr.com.br/
Responsáveis técnicos	Brunos Moraes Bruno Blecher Cristina Maiello
Contatos	atendimento@agenciafr.com.br
Municípios	Todos na área de influência do projeto
Objetivo geral	Elaborar um Plano de Comunicação para a divulgação de informações sobre o Cerrado no âmbito do CEPF, suas direções estratégicas e seus projetos financiados.
Valor de apoio	U\$ 45.622,74

Nome do Projeto	Encontro das Mulheres do Cerrado
Beneficiário	ECO A – Ecologia e Ação
Site	https://ecoa.org.br/
Responsável técnico	Nathalia Eberhardt Ziolkowski
Contatos	ecoacomunic@riosvivos.org.br
Municípios	Todos os municípios no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Realizar três eventos voltados para o fortalecimento, articulação e visibilidade da organização sociopolítica e econômica das mulheres no Cerrado Brasileiro. O Encontro das Mulheres do Cerrado, protagonizado pela articulação-Campanha Nacional em Defesa do Cerrado; II Encontro da CerraPan – Mulheres Produtoras do Cerrado e Pantanal; e Realização de debate durante as comemorações relativas ao Dia Nacional do Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 16.322,86

Nome do Projeto	Extrativismo, Conservação e Renda
Beneficiário	Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas Grande Sertão Ltda.
Site	https://cooperativagrandesertao.com.br/
Responsável técnico	José Fabio Soares
Contatos	cooperativagrandesertao@gmail.com
Municípios	(MG) Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Miravânia, Cônego Marinho, Januária, São João das Missões, Brasília de Minas e Montes Claros.
Objetivo geral	Potencializar o uso sustentável dos frutos nativos do bioma Cerrado e fortalecer as economias das comunidades agroextrativistas, visando as melhores práticas de manejo e conservação do hotspot "Sertão Vereda-Peruaçu".
Valor de apoio	U\$ 48.985,93

Nome do Projeto	Elos do Cerrado
Beneficiário	Instituto Cerrados
Site	https://www.cerrados.org/
Responsável técnico	Yuri Botelho Salmona
Contatos	administracao@cerrados.org
Municípios	Todos os municípios no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	O evento Elos do Cerrado tem por mote ser um espaço de debate qualificado sobre os meios e desafios para a preservação do Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 32.010,15

Nome do Projeto	Comunicação estratégica integrada do Seminário Estratégia para Conservação, Recuperação e Uso Sustentável dos recursos naturais no bioma Cerrado
Beneficiário	Instituto Terra em Desenvolvimento - ITD
Responsável técnico	James Allen Paranyba
Contatos	cerrado@iieb.org.br
Municípios	Todos os municípios no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Apoiar a comunicação estratégica integrada do “Seminário Estratégia para Conservação, Recuperação e Uso Sustentável dos Recursos Naturais no bioma Cerrado”, por meio do planejamento e execução de mídia espontânea e difusão em redes sociais, para divulgação, cobertura da realização e divulgação dos resultados do seminário que ocorrerá na Câmara dos Deputados na Semana do Meio Ambiente, bem como da qualificação da proposta de estratégia para conservação, recuperação e uso sustentável dos recursos naturais no Cerrado.
Valor de apoio	U\$ 4.792,34

Nome do Projeto	I FENACO: Fórum das Entidades Ambientistas do Centro-Oeste
Beneficiário	Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres - RENCTAS
Site	https://www.renctas.org.br/
Responsável técnico	Raulff Ferraz Lima
Contatos	cgeral@renctas.org.br
Municípios	(MT) Cuiabá; (MS) Campo Grande; (GO) Goiânia e (DF) Brasília
Objetivo geral	Capacitar, ampliar e fortalecer a participação da sociedade civil organizada da região Centro-Oeste nas instâncias decisórias do poder Público, em especial, no CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, por meio da realização de cinco eventos: quatro encontros estaduais e um regional, o I Fórum das Entidades Ambientistas do Centro-Oeste.
Valor de apoio	U\$ 47.510,77

Nome do Projeto	Cuidando do Cerrado e promover a vida
Beneficiário	Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Riacho dos Machados - STR
Site	https://www.facebook.com/sindicatoriachodosmachados/
Responsável técnico	Joeliza Aparecida de Brito Almeida
Contatos	strriacho@gmail.com; strriachords@gmail.com
Municípios	(MG) Riacho dos Machados
Objetivo geral	Capacitar aproximadamente 70 famílias de agricultores (as) geraizeiros distribuídas em 06 comunidades rurais dentro do município de Riacho dos Machados, que compõem a área prevista para a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tamanduá e Poções.
Valor de apoio	U\$ 45.080,87

Nome do Projeto	Atuação em rede e participação social pela conservação do Cerrado
Beneficiário	ActionAid
Site	http://actionaid.org.br/ https://www.campanhacerrado.org.br/
Responsáveis	Emmanuel Ponte Helena Rodrigues Lopes
Contatos	atendimento@actionaid.org.br; comunicacerrado@gmail.com
Municípios	Gilbués, Santa Filomena, Bom Jesus, Balsas, São Raimundo das Mangabeiras, Loreto, Carolina, Riachão, Babaçulândia e Wanderlândia.
Objetivo geral	Fortalecer de uma rede nacional de organizações preocupadas com o futuro do Cerrado e de seus povos, através da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado. A campanha busca valorizar a biodiversidade e as culturas dos povos e comunidades do Cerrado, que lutam pela sua conservação, onde o tema "Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida" reforça o papel central do Cerrado no abastecimento de água no país.
Valor de apoio	U\$ 162.453,96

Nome do Projeto	Preservando o Cerrado do Norte do Estado de Minas Gerais por meio da Gestão Sustentável de Territórios Tradicionais
Beneficiário	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas
Site	https://www.caa.org.br/
Responsável técnico	Carlos Alberto Dayrell
Contatos	caa@caa.org.br
Municípios	(MG) Montes Claros, Rio Pardo de Minas, Riacho dos Machados
Objetivo geral	Potencializar a atuação de lideranças de PICTs na defesa de seus direitos territoriais e na busca da sustentabilidade ambiental, cultural, econômica e social de territórios tradicionais por meio de formação teórico-prática sobre temas relacionados, o intercâmbio de experiências e o desenvolvimento de habilidades específicas de liderança e incidência política.
Valor de apoio	U\$ 149.999,50

Nome do Projeto	Articulação dos povos Timbira para a implementação da PNGATI
Beneficiário	Centro de Trabalho Indigenista - CTI
Site	https://trabalhoindigenista.org.br/home/
Responsável técnico	Juliana Noletto
Contatos	contato@trabalhoindigenista.org.br
Municípios	(MA) Montes Altos, Lajeado Novo, Sítio Novo, Fernando Falcão, Barra do Corda e Amarante, (TO) Tocantinópolis, Itaguatins, Goiatins e Itacajá.
Objetivo geral	Fomentar a implementação da Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas (PNGATI) no Cerrado, por meio da consolidação de uma rede de indígenas Timbira, de modo a reforçar o papel destes povos e seus territórios como importantes áreas de conservação dos recursos naturais e da sociobiodiversidade associadas, respeitadas as questões geracionais e de gênero.
Valor de apoio	U\$ 195.399,99

Nome do Projeto	União de COMDEMAS pró-Cerrado: mobilizando atores no corredor Miranda-Bodoquena
Beneficiário	Fundação Neotrópica do Brasil
Site	http://www.fundacaoneotropica.org.br/
Responsável técnico	Rodolfo Portela
Contatos	neotropica@fundacaoneotropica.org.br
Municípios	(MS) Anastácio; Bodoquena; Bonito; Dois Irmão do Buriti; Guia Lopes da Laguna; Jardim; Miranda; Nioaque; Porto Murtinho; Rochedo e Terenos
Objetivo geral	Fortalecimento dos COMDEMAS, a fim de subsidiar decisões locais que contribuam para alcançar metas mundiais de conservação da biodiversidade.
Valor do apoio	U\$ 168.099,91

Nome do Projeto	Estabelecimento de uma rede para salvaguardar as áreas protegidas do Cerrado brasileiro
Beneficiário	Fundo Mundial para a Natureza - WWF-Brasil
Site	www.wwf.org.br
Responsável técnico	Mariana Ferreira
Contatos	comunicacao@wwf.org.br
Municípios	Todos no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Fortalecer articulação e capacidade da sociedade civil em identificar, e quando couber, contrapor os processos de alterações de áreas protegidas no Congresso Nacional e assembleias estaduais, além de ampliar iniciativas de engajamento e valorização de unidades de conservação do Cerrado.
Valor do apoio	U\$ 140.000,00

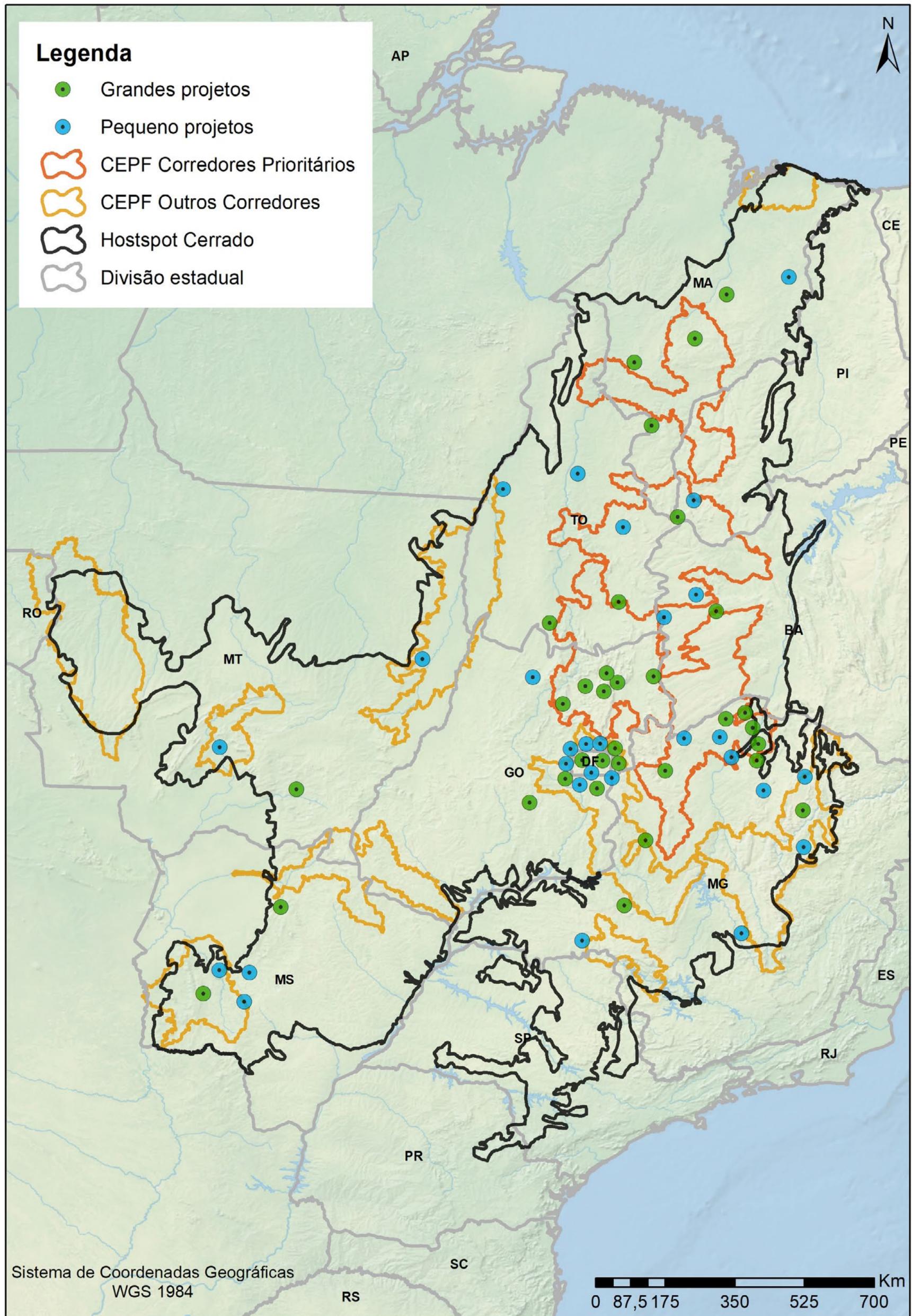
Nome do Projeto	Acelerando o Turismo Sustentável na APA e PARNA Cavernas do Peruaçu
Beneficiário	Instituto Ekos Brasil
Site	http://ekosbrasil.org/
Responsáveis técnicos	Ana Cristina Moeri Iago Paniza Rangel
Contatos	instituto@ekosbrasil.org
Municípios	(MG) Januária, Itacarambi, São João das Missões, Cônego Marinho, Bonitos de Minas e Miravânia
Objetivo geral	Desenvolver, fortalecer e acelerar o Turismo Sustentável na região do Vale do Rio Peruaçu (APA e PARNA Cavernas do Peruaçu), por meio da qualificação das capacidades técnicas e de gestão de organizações da comunidade local, como forma de promover emprego renda, valorização dos atributos ambientais e conservação da biodiversidade.
Valor do apoio	U\$ 121.079,01

Nome do Projeto	Cerrativismo: formando pessoas e organizações para conservar o Cerrado no oeste baiano
Beneficiário	Instituto Sociedade, População e Natureza - ISPN
Site	http://www.ispn.org.br/
Responsável técnico	Isabel Figueiredo
Contatos	instituto@ispn.org.br
Municípios	(BA) Formosa do Rio Preto, Santa Rita de Cássia, Riachão das Neves, Barreiras, São Desidério, Correntina, Baianópolis, Jaborandi, Cocos, Santa Maria da Vitória, entre outros.
Objetivo geral	Fortalecer a atuação da sociedade civil na defesa do bioma Cerrado por meio da aplicação de metodologia de fortalecimento de organizações e lideranças em uma região altamente ameaçada pelo agronegócio.
Valor do apoio	U\$ 271.342,08

Nome do Projeto	Acelera Cerrado: programa de fortalecimento das OSCs para a conservação
Beneficiário	Impact Hub Brasília
Site	https://aceleracerrado.com.br/
Responsável técnico	Natalia Teichmann
Contatos	acelera.cerrado@impacthub.net
Municípios	Influência em todos os municípios no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Capacitar 40 organizações da sociedade civil que trabalham para a conservação do Cerrado em 11 temas relevantes para fortalecer suas capacidades de atingir resultados positivos, relacionados às missões e propósitos das instituições.
Valor do apoio	U\$ 99.912,28

Nome do Projeto	Disseminando informações sobre o <i>hotspot</i> Cerrado
Beneficiário	Mongabay Org. Corporation
Site	https://www.mongabay.com/
Página do projeto	http://cepfcerrado.iieb.org.br/projetos/disseminando-informacoes-sobre-o-hotspot-cerrado/
Responsável técnico	Willie Shubert
Contatos	https://www.mongabay.com/contact/
Municípios	Influência em todos os municípios no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Produzir informação oportuna, precisa e de confiança e divulgar aos principais decisores, incluindo funcionários brasileiros, agências doadoras no estrangeiro e o setor privado, entre outros.
Valor do apoio	U\$ 71.289,62

Nome do Projeto	Rede fortalecida, Cerrado conservado (REFORCE)
Beneficiário	Rede Cerrado
Site	http://redecerrado.org.br/
Responsável técnico	Kátia Fávilla
Contatos	contato@redecerrado.org.br; secretariaexecutiva@redecerrado.org.br
Municípios	Influência em todos os municípios no <i>hotspot</i> .
Objetivo geral	Ampliar a incidência política da Rede Cerrado na elaboração, implementação e monitoramento de políticas públicas relacionadas à promoção do desenvolvimento sustentável com respeito aos direitos de agricultores familiares, povos e comunidades tradicionais.
Valor do apoio	US\$ 224.577,68



Distribuição dos projetos no Cerrado no período de 2016 a 2022, que contaram com o apoio do Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos - CEPF Cerrado.



Foto: Aryanne Amaral

CRITICAL | **ECOSYSTEM**
PARTNERSHIP FUND

